



**PATROCINADOR,**  
faça parte dessa comunidade  
você também!



**MAIOR COMUNIDADE  
HORTIFRUTÍCOLA  
DA INTERNET**

Nome completo \_\_\_\_\_  
E-mail \_\_\_\_\_  
Escolaridade \_\_\_\_\_  
Endereço \_\_\_\_\_  
UF \_\_\_\_\_  
Cidade \_\_\_\_\_  
CEP \_\_\_\_\_  
Telefone \_\_\_\_\_  
Fax \_\_\_\_\_  
Celular \_\_\_\_\_

**LANÇAMENTO 2009:**

- MÍDIA ELETRÔNICA SEGMENTADA
- PESQUISAS DE MERCADO
- PRODUTOS VIPs

**PARA USO DOS CORREIOS**

- 1  Mudou-se
- 2  Falecido
- 3  Desconhecido
- 4  Ausente
- 5  Recusado
- 6  Não procurado
- 7  Endereço incompleto
- 8  Não existe o número
- 9  \_\_\_\_\_
- 10  CEP incorreto

Reintegrado ao Serviço Postal em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Responsável \_\_\_\_\_

**Impresso Especial**  
1.74.18.0518-7/2001-DR/SPI  
Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz



**Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ**

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)  
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829  
e-mail: hfbrasil@esalq.usp.br

**IMPRESSO**

# Hortifruti **Brasil**

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP  
Ano 7 - Nº 76 - Janeiro/Febrero de 2009 - ISSN 1981-1837

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/intbrasil



## SETOR PRECISA DE MAIS CRÉDITO

O desafio é adaptar a política de crédito  
às especificidades da hortifruticultura

REVENIS

# Cabrio Top®



Isto é  
AgCelence™

Mais dinheiro  
que entra  
no seu bolso

Saiba mais. Visite o nosso site:  
[www.agcelence.com.br](http://www.agcelence.com.br)

**ATENÇÃO**  
Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo  Venda sob receita de agrônomo

PRATIQUE O MANEJO INTEGRADO

 0800 0192 500  
[www.agro.basf.com.br](http://www.agro.basf.com.br)

 **BASF**  
The Chemical Company

CabrioTop® é fungicida com benefícios AgCelence™.

Isto é: plantas mais verdes, saudáveis e produtivas.

Algo além da proteção de cultivos.

CabrioTop®.  
Prevenção contra a Requeima.

Cantus®. O resultado é a diferença.

# NÃO É DE HOJE QUE FALTA CRÉDITO PARA A HORTIFRUTICULTURA



Yuri Uchoa Rodrigues é o autor da *Matéria de Capa* sobre crédito rural para hortifrutícolas.

O setor hortifruticultor carece de crédito. Sua escassez se intensificou desde a crise econômica global no segundo semestre do ano passado. De acordo com pesquisa com leitores da **Hortifruti Brasil** entrevistados em janeiro deste ano para a *Matéria de Capa* desta edição, 24% deles tentaram captar financiamento via bancos nos últimos seis meses e não conseguiram. Já outros 32% tiveram sucesso. O restante dos entrevistados (52%) não procurou crédito bancário recentemente.

A baixa disponibilidade de financiamento para os hortifruticultores não está relacionada somente à crise mun-

dial. Pesquisa similar à atual foi realizada para a edição nº 06 da **Hortifruti Brasil**, de outubro de 2002. Naquela ocasião, foi observado que o montante de crédito oficial para custeio, segundo dados do Banco Central, equivalia a apenas 7% do valor total da produção hortifrutícola (apontado pelo IBGE), enquanto para soja e milho era de 22%. Essas proporções continuaram as mesmas em 2007 – últimos dados disponíveis.

Além dessa constatação, aquela *Matéria de Capa* de 2002 mostrava que a baixa oferta de crédito estava relacionada tanto ao baixo investimento do governo no setor quanto à resistência do hortifruticultor em adquirir financiamento via banco – características do setor que persiste nos idos de 2009.

Novamente, a **Hortifruti Brasil** destaca que é necessário ter mais crédito para tornar o setor sustentável economicamente, principalmente com taxas de juros reduzidas. O alerta principal desta edição é que o setor precisa articular junto ao governo uma política de crédito mais específica às condições da hortifruticultura. E, o mais importante: hortaliças

precisam ter as mesmas linhas de crédito e limite para custeio que a fruticultura, já que o montante investido por área cultivada é muito parecido.

Outro ponto importante destacado na *Matéria de Capa* desta edição é a necessidade de adequar o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) à hortifruticultura. O limite de receita bruta e de números de funcionários fixos estabelecidos pelo programa dificulta o acesso ao crédito a inúmeros produtores familiares de hortifrutícolas. A maioria das frutas e hortaliças tem demanda elevada por mão-de-obra devido à intensidade de tratamentos culturais envolvidos.

A articulação de uma política de crédito específica para a hortifruticultura deve partir do próprio setor. Tal política não deve se concentrar somente em linhas de crédito de custeio, devendo abranger também investimento, comercialização e auxílio no seguro rural. Em nossa *Matéria de Capa*, há uma lista de sugestões que podem auxiliar na formulação de uma política de crédito rural específica para o setor.

## Italianíssimos!

### O maior lucro vem do melhor tomate.



Vênus

Plutão

Netuno

Saturno

Kátia



**EAGLE COMÉRCIO DE SEMENTES LTDA.**

Rua Tomé de Souza, 1.344 - salas 2 e 3

CEP 38412-068 - Uberlândia (MG)

eaglesementes@eaglesementes.com.br

Tel (34) 3217-3110 / Fax (34) 3238-7705

## CAPA 08



O aumento do crédito rural oficial para o setor hortifruticultor é essencial. A **Matéria de Capa** sugere uma lista de reivindicações para formular uma política de crédito rural específica para o setor.

## FÓRUM 29

Confira no **Fórum** desta edição a opinião do Eng. Agrônomo Gustavo Henrique Marquim Firmo de Araújo sobre a política de crédito rural para os hortifrutícolas.

### HORTIFRUTI BRASIL ON-LINE

Acesse a versão on-line da **Hortifruti Brasil** no site:

[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)

A última edição é atualizada até o DIA 10. Além disso, todas as edições estão disponíveis no site.

## SEÇÕES

TOMATE		17
CEBOLA		18
CENOURA		19
BATATA		20
BANANA		21
MELÃO		22
MAMÃO		23
CITROS		24
MANGA		26
MAÇÃ		27
UVA		28

## EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP

ISSN: 1981-1837

**Coordenador Científico:**  
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

**Editora Científica:**  
Margarete Boteon

**Editores Econômicos:**  
Aline Vitti e João Paulo Bernardes Deleo

**Editora Executiva:**  
Daiana Braga MTb: 50.081

**Diretora Financeira:**  
Margarete Boteon

**Jornalista Responsável:**  
Ana Paula da Silva MTb: 27.368

**Revisão:**  
Alessandra da Paz, Daiana Braga e Paola Garcia Ribeiro

**Equipe Técnica:**  
Álvaro Legnaro, Caio Gorino, Camila Pires Pirillo, Daiana Braga, Fabrícia Basílio Resende, Joseana Arantes Pereira, Maira Paes Lacerda, Margarete Boteon, Mayra Monteiro Viana, Natalia Dallocca Berno, Renata Pozelli Sabio, René Voltani Broggio, Richard Truppel, Ticyana Carone Banzato e Yuri Uchoa Rodrigues.

**Apoio:**  
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

**Diagramação Eletrônica/Arte:**  
ênfase - assessoria & comunicação  
19 2111-5057

**Impressão:**  
Indústria Gráfica GR e Editora Ltda.  
19 3493-1616

**Contato:**  
Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000  
Piracicaba (SP)  
Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829  
[hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br)  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Seção Eletrônica  
**Hortifruti**  
Brasil

Informações semanais sobre o seu produto.

MAIOR COMUNIDADE  
**HORTIFRUTICOLA**  
DA INTERNET  
Faça aqui seu cadastro!

Você não precisa esperar até a próxima edição para se manter informado a respeito dos preços dos produtos-alvo da **Hortifruti Brasil**.  
Receba toda segunda-feira no seu e-mail os preços dos hortifrutícolas de seu interesse.

### Cadastre-se

Para se cadastrar é necessário entrar na página da **Hortifruti Brasil** no site do Cepea

[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade)

# ULTRAPASSAMOS 2,3 MIL CADASTRADOS EM JANEIRO

A META  
É ATINGIR  
**3 MIL**  
CADASTROS  
ATÉ JUNHO  
DE 2009

## EVOLUÇÃO MENSAL DA COMUNIDADE



Número de pessoas cadastradas (Início do projeto em junho/08)

\* projeção

2009 está apenas começando e, neste início de ano, mais pessoas começaram a fazer parte da comunidade eletrônica da **Hortifruti Brasil**. Possivelmente em fevereiro, conseguiremos alcançar 2,5 mil cadastros, meta prevista inicialmente para junho. Assim, redefinimos nossa meta para 3.000 cadastros até o meio de ano, divulgando as melhores informações do mercado de hortifrutícolas para os diversos agentes do setor.

**Cadastre-se:**  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade)

**36 MIL**  
ACESSOS/  
MÊS

## PERFIL DOS PARTICIPANTES DA COMUNIDADE ELETRÔNICA

ATIVIDADES	Número de Leitores*
Produção de frutas & hortaliças	979
Outros	631
Indústria/comércio de insumos	549
Pesquisa/Ensino/Consultoria	527
Atacado (Ceasas)	347
Varejo	328
Beneficiamento	302
Exportação/Importação	290
Viveiro de mudas	254

\*Os leitores podem assinalar mais de uma atividade  
Registros até o dia 30/01/2009

**TODO O SETOR  
FAZ PARTE  
DA COMUNIDADE**

## NÚMERO DE LEITORES POR SEÇÃO ELETRÔNICA

Seção Eletrônica*	Leitores cadastrados	Acessos/mês
Revista Eletrônica HFBrasil	1557	1.557
Outras informações (Cepea)	1234	**
Tomate	1207	4.828
Citros	1072	4.288
Cebola	1012	4.048
Banana	992	3.968
Batata	923	3.692
Uva	887	3.548
Manga	874	3.496
Mamão	873	3.492
Melão	771	3.084
Maçã	632	***
Total	12.034	36.001

Registros até o dia 30/01/2009

\* Cada assinante pode solicitar o envio de mais de 1 seção

\*\* Serviço ainda não disponível

\*\*\* Serviço disponível a partir do dia 09/02/2009

**NOVA SEÇÃO ELETRÔNICA MAÇÃ**  
Cadastre-se e receba preços semanais

**ESCREVA PARA NÓS.** Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:  
**Hortifruti Brasil** - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)  
hfbrasil@esalq.usp.br

## OPINIÃO

**SEÇÃO ELETRÔNICA BANANA**  
Cadastre-se e receba preços semanais de banana  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade)

### **Venda da banana por quilo agora é lei**

Fruto da luta de bananicultores de nossa região (Vale do Ribeira/SP), a Assembléia Legislativa Paulista aprovou a lei nº 13.174, de 23 de julho de 2008, que dispõe sobre a comercialização da banana, tornando obrigatória sua venda por peso no estado de São Paulo. Nesse sentido, vimos solicitar a este Centro a adequação das pesquisas e divulgação de preços coletados junto aos bananicultores paulistas para que seja informado o valor pago ao produtor por quilo da fruta. Ao ensejo, colocamo-nos à disposição para trabalhos em colaboração com Vossa Senhoria e sua equipe e apresentamos protestos de estima e consideração. Atenciosamente,

**Agaldo José de Oliveira – Associação dos Bananicultores do Vale do Ribeira – Registro/SP**

*Cumprimentamos a Associação dos Bananicultores do Vale do Ribeira pelo esforço para alterar a unidade de comercialização de caixa para quilo. É um passo positivo e importante para melhorar a padronização da comercialização da banana no estado. Em nosso levantamento de janeiro, no entanto, constatamos que produtores do Vale do Ribeira ainda estão negociando por caixa de 20 kg e 22 kg, para a banana prata e nanica, respectivamente. Tão logo os produtores da região passem a negociar por quilo, a **Hortifruti Brasil** também alterará a forma de divulgação dos preços da banana do Vale.*



### **Metodologia de levantamento de citros**

Prezadas Mayra e Camila, parabéns pelo trabalho realizado na revista **Hortifruti Brasil!** A compilação dos dados sobre citros mostra claramente a realidade do setor. Gostaria de fazer uma pergunta: quem coleta os preços na Ceagesp? Minha pergunta se deve ao fato de os valores ofertados por compradores

desta central atacadista serem bem inferiores ao publicados no Estado de São Paulo e no site do Cepea. Sou produtor de citros em São Carlos, ex-operador da BM&F e Adm. Rural da FGV. Obrigado e parabéns,

**Sérgio Spagnolo**  
[sergio.spagnolo@terra.com.br](mailto:sergio.spagnolo@terra.com.br)

*Agradecemos os elogios! A nossa metodologia encontra-se no site [www.cepea.esalq.usp.br/citros](http://www.cepea.esalq.usp.br/citros). Não levantamos os preços no atacado (Ceagesp), somente ao produtor. Os valores que divulgamos se referem à caixa de 40,8 kg, com*

*exceção da poncã e da lima ácida tahiti, cujas caixas-padrão são de 27 kg. O valor da fruta destinada ao consumo in natura divulgado pelo Cepea não inclui custo de colheita - com exceção, novamente, da tahiti, que é "sobre rodas" (posto no caminhão). Já o preço da laranja para indústria inclui custos de colheita e transporte até o portão da fábrica.*



### **Mercado atual de hortifrutis**

Sou engenheiro agrônomo e estou fazendo um estudo do mercado atual do setor hortifruti: produção nacional, consumo, posição brasileira mundial de produção, entre outros. Ou seja, uma visão do setor. Tenho contato com a revista **Hortifruti Brasil**, uma excelência na área. Entretanto, a visão é bem detalhada por produto, mas não consegui encontrar essa "visão" no site de vocês. Assim sendo, venho por meio deste requisitar um suporte de sua parte. Desde já agradeço sua compreensão e no aguardo de respostas.

**Guilherme Vancetto**  
[gvancetto@hotmail.com](mailto:gvancetto@hotmail.com)

*Obrigado por suas considerações! De fato, a maior parte das pesquisas do Cepea é setorializada, com vistas a atender demandas específicas de quem está atuando em cada um dos setores que acompanhamos. Como um todo, o Cepea mantém equipe de macroeconomia, que efetiva as ligações entre os setores do agronegócio e também destes com outras áreas da economia. Para atender à sua demanda, pertinente, diga-se de passagem, podemos sugerir o exame de algumas das nossas *Matérias de Capa*, como a de outubro/2008, quando tratamos as oportunidades para o Brasil no mercado internacional de frutas. O link direto para acessar a **Hortifruti Brasil** é: [www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil).*



### **Seção Eletrônica de Cenoura**

Solicitamos que seja acrescida a Seção Eletrônica de Cenoura, cuja cultura estamos planejando entrar. Agradecemos os re-

latórios que nos chegam regularmente. Atenciosamente,

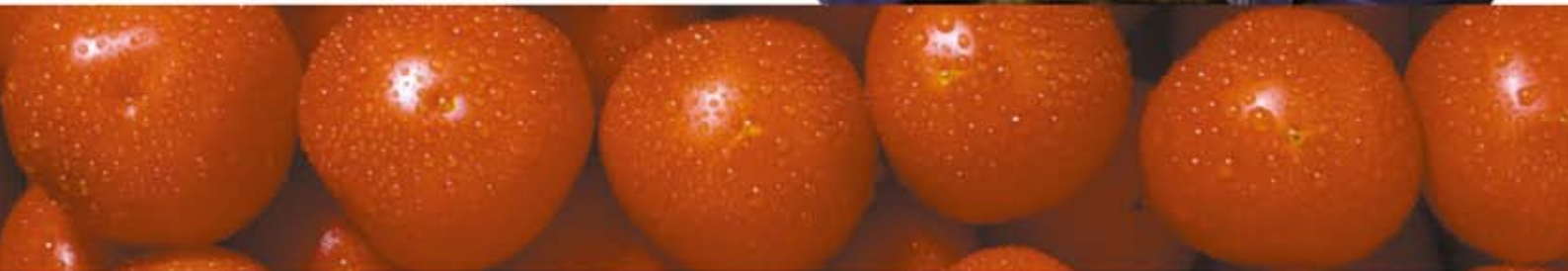
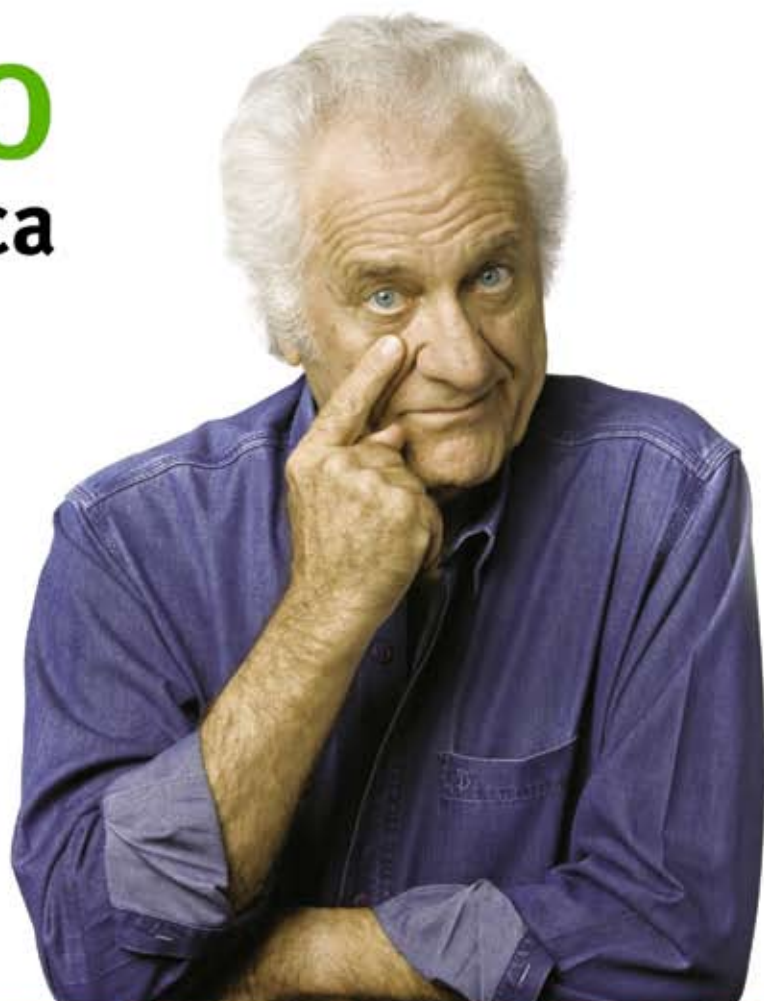
**Milton Kamitsuji - Genove Agronegócios Ltda.**

*Obrigado por acompanhar as nossas pesquisas! Em breve, a Seção Eletrônica de Cenoura será lançada. Por ser um produto incluído recentemente nos levantamentos da equipe Hortifruti/Cepea, ainda estamos consolidando nosso banco de dados. Parte das informações já pode ser acessada através da revista **Hortifruti Brasil**. Na internet, o endereço é: [www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)*

# OLHO VIVO na mosca-branca



CONNECT o·b·e·r·o·n®



“Éta, mundo velho. Cada hora é uma praga diferente para infemizar a sua vida! Pelo jeito, a mosca-branca pousou de vez na cultura do tomate, quebrando a safra e o seu bolso. Por isso, meu amigo, **Olho Vivo** na **Solução Inovadora da Bayer CropScience** que, com Oberon e Connect, controla a mosca-branca em todas as fases – ovo, ninfa e adulto –, quebrando o ciclo de desenvolvimento e protegendo o seu lucro.”

## Quebre o ciclo e proteja o seu lucro com a Bayer CropScience.



**ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônomico.



Bayer CropScience

Se é Bayer, é bom.



# SETOR PRECISA DE MAIS CRÉDITO

O desafio é adaptar a política de crédito às especificidades da hortifruticultura

A participação do crédito oficial é pequena na hortifruticultura, bem menor que a registrada para outras culturas. O montante disponibilizado pelo sistema público de crédito equivale a somente 7% do valor total da produção de hortifrutícolas (considerando-se informações do IBGE), enquanto que culturas como soja e milho chegam a obter o equivalente a 18% e 25%, respectivamente.

Dos hortifrutis, a melhor estrutura de financiamento via bancos é a da cadeia da maçã. Além de ter a melhor relação entre recursos públicos de custeio e valor gerado pela cadeia (de 13%), a maçã dispõe de créditos para investimentos – como formação de pomares – e é uma das poucas frutas frescas (a outra é o pêssigo) a ter linha de financiamento do governo federal para a comercialização. No entanto, essa cadeia é uma exceção, já que a maioria tem poucas linhas de crédito e o financiamento do custeio é inferior a 10% do total gerado pelo produto.

**Tabela 1. CRÉDITO RURAL É BAIXO PARA OS HORTIFRUTÍCOLAS**

Quanto os financiamentos públicos de custeio representam o valor total gerado pela cultura?

Cultura	Custeio <sup>1</sup>	Valor da Produção <sup>2</sup>	Crédito/Valor da
			Produção
	Milhões de R\$		%
Melão	3,85	315,87	1%
Mamão	19,41	894,54	2%
Banana	81,41	2.910,16	3%
Manga	19,41	657,45	3%
Tomate	112,33	2.094,37	5%
Batata	111,78	2.036,22	5%
Uva	160,51	1.708,36	9%
Cebola	79,29	774,53	10%
Laranja	529,02	5.154,44	10%
Maçã	111,07	830,17	13%
Hortifrutícolas (principais)	1.228,10	17.376,11	7%
Soja	4.715,18	25.794,99	18%
Milho	3.880,81	15.616,49	25%

<sup>1</sup> Valor disponibilizado pelos bancos para o custeio dos produtores e cooperativas em 2007, estatísticas compiladas pelo Banco Central ([www.bacen.gov.br](http://www.bacen.gov.br))

<sup>2</sup> Valor médio da produção em R\$ estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2007 ([www.sidra.ibge.gov.br](http://www.sidra.ibge.gov.br))

O baixo valor de crédito oficial usado pelo setor pode estar relacionado a dois fatores. O primeiro é que o montante disponibilizado pelo governo por produtor é baixo se comparado às suas necessidades com a hortifruticultura. Ou seja, falta uma política de crédito rural adaptada à estrutura de custeio e investimento específica para o setor hortifruticultor. Outro motivo seria a falta de demanda, decorrente do desconhecimento de boa parte dos produtores sobre as diferentes linhas de financiamentos ou mesmo por questão cultural, já que muitos hortifruticultores costumam optar pelo autofinanciamento, evitando o “dever para os outros”.

Como é relativamente pequeno o crédito público para a hortifruticultura, o setor acaba tendo como principal financiador o capital dos próprios produtores. Pesquisa realizada pela **Hortifruti Brasil** com 137 produtores de frutas e hortaliças atuantes nas principais regiões do País revela que mais da metade dos entrevistados utiliza mais de 80% de capital próprio para custear sua produção. A pesquisa foi feita na primeira quinzena de janeiro de 2009 e abrangeu produtores de pequeno, médio e grande porte. Os resultados não têm a ambição de retratar a totalidade da hortifruticultura brasileira, mas fornecem um quadro razoável sobre como o setor tem sido financiado.

Interpretando os resultados, fica evidente a necessidade de que as políticas públicas sejam adaptadas às características do setor de modo a contribuir para sua sustentabilidade econômica. Um quadro geral a respeito do uso do crédito rural pelos produtores de frutas e hortaliças é descrito nos itens a seguir.

**Tabela 2. PRODUTOR É O PRINCIPAL INVESTIDOR DO SETOR HORTIFRUTÍCOLA**

% de capital próprio	% dos produtores <sup>1</sup>
Acima de 80% do capital próprio	55%
Entre 50% e 70% do capital próprio	26%
Abaixo de 50% do capital próprio	14%
Não declarado	5%

Fonte: Hortifruti Brasil

<sup>1</sup> 137 produtores consultados pela equipe da Hortifruti Brasil em janeiro de 2009.

## PRINCIPAIS LINHAS DE CRÉDITO E FINANCIADORES DO SETOR HORTIFRUTICULTOR

As três linhas de crédito mais importantes na agricultura são: **custeio**, **investimento** e **comercialização**. O **custeio** refere-se ao financiamento do desembolso do produtor com a cultura, como compra de insumos e o pagamento da mão-de-obra. Recursos para **investimento** são voltados à compra de tratores, máquinas, implementos, sistemas de irrigação, formação/renovação de pomares e também para a construção de galpões e armazéns. Apoio para a **comercialização** é uma linha restrita a certas culturas, principalmente às que permitem ao produtor/comprador estocar o produto e comercializá-lo futuramente, em condição melhor de mercado.

Para cada linha de crédito, há distin-

tas taxas de juros, prazos de pagamento e períodos de carência. Essas variações ocorrem em função da escala de produção, basicamente dividida em dois grupos. O primeiro compreende produtores de pequena escala, cujas atividades de produção são supridas em sua maior parte pela mão-de-obra familiar. Esses produtores terão acesso ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que oferece as menores taxas de financiamento – de 1% a 5,5% ao ano. O segundo grupo abrange todos aqueles que não se enquadram no Pronaf. Os juros para esses produtores são maiores, mas têm à disposição um montante de recursos muito superior quando comparado ao primeiro grupo.

### Exigências para participar do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf):

- ⊙ Ter no máximo 2 funcionários fixos;
- ⊙ Possuir área de até 4 módulos fiscais (a área varia de acordo com a região);
- ⊙ Produzir na terra na condição de proprietário(a), posseiro(a), arrendatário(a), parceiro(a) ou assentado(a);
- ⊙ Residir na propriedade ou em local próximo e ter no trabalho familiar a base da produção;
- ⊙ Ter parte da renda gerada na propriedade familiar (de 30 a 80%);
- ⊙ Ter renda bruta anual de no máximo R\$ 110.000,00.

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Agrário ([www.mda.gov.br/saf/](http://www.mda.gov.br/saf/))

### LINHAS DE FINANCIAMENTO DO PRONAF

Para contratos de Custeio:		Para contratos de Investimento:	
Financiamento	Taxa de juros/ano	Financiamento	Taxa de juros/ano
Até R\$ 5 mil	1,5%	Até R\$ 7 mil	1%
De R\$ 5 mil a R\$ 10 mil	3%	De R\$ 7 mil a R\$ 18 mil	2%
De R\$ 10 mil a R\$ 20 mil	4,5%	De R\$ 18 mil a R\$ 28 mil	4%
De R\$ 20 mil a R\$ 30 mil	5,5%	De R\$ 28 mil a R\$ 36 mil	5,5%

Fonte: MDA/SAF

# Virose na sua plantação, só se você não usar Chess.



Se você é produtor de tomate, use Chess para acabar com a transmissão de viroses na sua plantação. Ele é o único inseticida no mercado que funciona paralisando a alimentação da mosca-branca e, com isso, impedindo que ela transmita viroses que atrapalham a sua plantação. Para garantir uma boa produção e frutos com vigor, use Chess.

O mais novo inseticida da Syngenta.

**Chess<sup>®</sup> WG**

Estratégico contra as viroses.



## ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

Consulte  
sempre um  
Engenheiro  
Agrônomo



Venda  
sob  
receituário  
agronômico



0800 704 4304  
faleconosco.casa@syngenta.com

**syngenta.**

[www.syngenta.com.br](http://www.syngenta.com.br)

## APESAR DOS JUROS, SETOR TEM DE RECORRER A REVENDAS

A captação de recursos para o custeio de cada safra começa pelos recursos oficiais, que têm taxas de juros de 6,75%. Como o montante é sempre insuficiente, produtores costumam também obter parte junto aos bancos, mas a juros superiores. Conforme os entrevistados desta pesquisa, na média anual, a taxa dos recursos obtidos via banco é de 8%.

Em busca de mais crédito, produtores recorrem também ao financiamento das

revendas, principalmente para a aquisição de defensivos. No entanto, a taxa de juros dessas operações é bem mais elevada, com média de 24% ao ano, chegando a 39%, segundo a pesquisa da **Hortifruti Brasil**. Muitos produtores não têm a percepção desse dispêndio com juros porque o valor fixado é mensal (1,8% ao mês) e hortifruticultores costumam quitar a dívida em 3 ou 4 meses – ciclo da safra.

## CRÉDITO DE INVESTIMENTO VAI QUASE TODO PARA MÁQUINAS

De cada quatro hortifruticultor que obtém crédito de investimento, três o destina para a compra de máquinas, mais precisamente de trator, conforme apurado nesta pesquisa. O restante vai para formação/reforma de pomares e, em menor parte, para infraestrutura, como construção de barracões.

O Anuário Estatístico do Banco Central, de 2007, aponta situação semelhante à obtida neste levantamento da **Hortifruti Brasil**. A renovação/formação de pomares teria baixa demanda, sendo que o montante solicitado para esse fim concentrou-se, naquele, nas culturas da laranja, banana, uva, maçã e mamão.

A taxa de juros, segundo os entrevistados da **Hortifruti Brasil**, variou de 2% a 12% ao ano para o financiamento das máquinas.

Além desses juros relativamente baixos, outras vantagens apontadas pelos produtores são o prazo de pagamento

que se estende em média por 5 anos e a carência, em geral, de 12 meses para a quitação da primeira parcela.

Recursos para investimentos podem ser captados através do Moderfrota, Moderagro, Moderinfra, Pronaf mais alimentos e Finame. A maioria dos entrevistados não soube especificar exatamente a linha utilizada, mas apresentou informações detalhadas a respeito das condições de pagamento. Curioso foi observar que o produtor não mantém o mesmo rigor quando fala dos juros, carência e prazo de pagamento do capital obtido para custeio.

Isso demonstra que o produtor é mais criterioso na aquisição de financiamento para investimento do que custeio, principalmente por não ter a mesma urgência para receber o recurso. No entanto, seria prudente que o produtor analisasse com igual atenção o crédito obtido para custeio, antecipando o máximo possível a busca por esse capital.



Tabela 3. PRINCIPAIS LINHAS DE CRÉDITO  
DISPONÍVEIS PARA INVESTIMENTO

Linhas de Investimento	Taxa de Juros (% aa) <sup>1</sup>	Limite de Crédito - R\$ mil <sup>2</sup>	Prazo de Pagamento/ carência (anos) <sup>2</sup>
Moderinfra	6,75%	1.000	8
Moderagro	6,75%	250	8
Moderfrota	7,50% a 9,50%	150	6 a 8
Pronaf mais alimentos	2%	100	10
Finame	Até 12,55%	variável	5

<sup>1</sup> Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES)

<sup>2</sup> Plano Agrícola e Pecuário 2008/09

## SETOR PRIVADO TAMBÉM PODE FINANCIAR O SETOR

Praticamente, em nenhuma cultura agrícola, os recursos públicos oficiais conseguem atender completamente as suas necessidades de recursos. Assim, há arranjos de financiamento com parcerias do setor privado ou mesmo com o sistema financeiro que o produtor pode optar como uma forma alternativa de financiamento.

Nesse grupo, a forma de financiamento mais apontada pelos entrevistados é o Adiantamento de Contrato de Câmbio (ACC), que é a antecipação total ou parcial de recursos financeiros ao exportador, em moeda nacional, correspondente a pagamento que será efetuado por importador em futuro próximo. Ela se mostra bastante atraente ao exportador, pois ele realiza essa operação captando recursos a taxas internacionais e pode aplicá-los à taxa doméstica mais elevada. Também permite que o exportador capte recursos de curto prazo para financiar capital de giro e viabilizar a produção com custos financeiros mais vantajosos do que os que seriam obtidos junto a fontes domésticas. No entanto, os beneficiários são principalmente produtores de frutas de grande escala de produção,

devido à burocracia para se obter essa linha de financiamento. No mercado doméstico, o mais comum é o adiantamento de recursos dos compradores (atacadistas e agroindústrias) para os produtores, mas as condições do financiamento variam muito.

Outra alternativa de captação de recursos do mercado – sem apoio do governo – é a Cédula do Produtor Rural (CPR), mas muito pouco utilizada pelo setor – nenhum dos entrevistados relatou que usou esse instrumento de crédito. A CPR nada mais é do que um título que permite ao produtor captar recursos através do comprometimento futuro de entrega de produtos agrícolas ou de pagamento financeiro. Neste último caso, é cobrada taxa de juros sobre o montante obtido. Essa taxa é muito acima dos 6,75% do crédito oficial, mas pode ser menor que a praticada pelo sistema bancário tradicional e pelas vendas. Normalmente, a taxa de CPR financeira (pagamento em dinheiro e não em produto) varia em torno de 20% ao ano. Apesar de essa modalidade ser mais comum em setores como grãos e pecuária de corte, há registros de CPR para hortifrutícolas desde laranja até folhosas.

## HORTIFRUTICULTURA É CARENTE DE FINANCIAMENTO PARA COMERCIALIZAÇÃO

Das três frentes de crédito disponíveis para a agricultura (custeio, investimento e comercialização), a menos adaptada para a hortifruticultura é a de apoio à comercialização. Pode-se dizer que somente as culturas de pêssego, uva industrial, alho e maçã contam com política específica para essa etapa.

Quanto à política de crédito governamental, a cultura da maçã é a que recebe maior incentivo à comercialização das frutas frescas. Segundo o Anuário Estatístico do Banco Central, em 2007, a cadeia da maçã teve um aporte através da Linha Especial de Crédito (LEC) de R\$ 100 milhões. O objetivo principal dessa linha é regular a oferta da

fruta, evitando a concentração durante a colheita. Para tanto, financia sua estocagem ao longo do ano. Pêssego é outra cultura beneficiada pela LEC. O funcionamento é simples: o governo federal se compromete a conceder empréstimos a 6,75% a.a. às agroindústrias que comparem a maçã ou o pêssego por um valor mínimo estipulado. O volume de crédito será proporcional às aquisições da fruta. Para 2009, o valor mínimo a ser pago por agroindústrias pela maçã e pêssego é de R\$ 0,60/kg e de R\$ 0,55/kg, respectivamente.

## GOVERNO AJUDA A PAGAR SEGURO DA PRODUÇÃO

O seguro rural, hoje, é mais acessível devido ao subsídio (subvenção) dado pelo governo federal em conjunto com alguns estaduais. Para fazer o seguro de tomate envarado no valor de R\$ 35.000,00/hectare no estado de São Paulo, por exemplo, é cobrada uma taxa de 4,22% desse montante, isto é, R\$ 1.477,00/ha. Esse valor é alto para o produtor, mas o governo federal atualmente arca com 40% do total. Do restante (R\$ 886,20/ha), o governo paulista banca 50%, sobrando para o produtor R\$ 443,10 por hectare. A esse valor serão adicionados somente R\$ 60,00 da apólice total.

No final do ano passado, uma forte chuva de granizo na região sul de São Paulo causou prejuízos em 2,5 milhões de pés (de um total de 28 milhões de pés). O produtor que não assegurou

sua lavoura teve prejuízo bem superior ao valor que teria sido pago pelo seguro. Em muitos casos, o produtor ficou sem a lavoura e sem condições de replantá-la.

Apesar da excelente iniciativa do governo federal e de alguns estados, a área de seguros deveria ter uma cobertura para outras adversidades no setor de frutas e hortaliças, como incidências de doenças que não apresentam controle agrônômico. A demanda dos citricultores paulistas, por exemplo, é que o governo subsidie um seguro para cobrir os prejuízos como o *greening*. A ocorrência dessa doença implica na erradicação da árvore e em prejuízos econômicos significativos.

Outro ponto importante é que o valor da subvenção do governo federal é maior para algumas frutas que para outras. O governo federal subvenciona em 60% culturas como ameixa, caqui, figo, kiwi, maçã, nectarina, pêra, pêssego e uva. Já tomate, hortaliças e demais frutas contam com 40% de subvenção.

**Tabela 4. DISPONIBILIDADE DE CRÉDITO NÃO ATENDE ÀS NECESSIDADES DO HORTIFRUTICULTOR**

Necessidade de custeio por hectare/ano e limite de custeio por produtor (CPF)

Cultura	Necessidade de custeio (R\$) por hectare <sup>1</sup>	Limite crédito (custeio) por CPF (R\$)	Área custeada através do crédito oficial (ha)
TOMATE	42.739,20	130.000,00	3,04
BATATA	17.500,00	130.000,00	7,43
MAÇÃ (beneficiada)	47.444,44	400.000,00	8,43
CEBOLA	15.200,00	130.000,00	8,55
UVA	39.600,00	400.000,00	10,10
CENOURA	10.643,45	130.000,00	12,21
MELÃO	28.800,00	400.000,00	13,89
MAMÃO	20.000,00	400.000,00	20,00
CITROS	12.000,00	400.000,00	33,33
MANGA	9.500,00	400.000,00	42,11
BANANA	8.590,91	400.000,00	46,56

<sup>1</sup> Gasto médio por safra (média e alta tecnologia) estimado pelo Cepea com base em informações de produtores.

## CRÉDITO RURAL É POUCO ADAPTADO ÀS CONDIÇÕES DO SETOR

O crédito de custeio disponibilizado pelo governo é muito pequeno quando comparado às necessidades de desembolso tanto do pequeno quanto do grande hortifruticultor.

Um produtor de tomate de média a alta tecnologia, voltado à produção da fruta fresca, gasta por hectare cerca de R\$ 43 mil por safra (pode cultivar até três safras por ano), mas pode captar por ano apenas cerca de R\$ 130 mil para custear toda sua produção (área total). Em alguns casos, o produtor consegue elevar em 30% esse valor (veja detalhes no *Fórum*).

A proporção melhora um pouco para as frutas, com o limite por produtor aumentando para R\$ 400 mil/ano. Essa diferença, porém, suscita o questionamento de porque frutas recebem mais que hortaliças, uma vez que ambas são intensivas em capital e mão-de-obra (assunto abordado no *Fórum* com representante do governo).

Com pouco crédito oficial à disposição, produtores, especialmente de hortaliças, são forçados a tomar linhas de crédito mais caras que se somam também a seus recursos próprios, completando o financiamento da produção. Segundo a pesquisa da **Hortifruti Brasil**, os horticultores tomam mais crédito de revendas para financiar seus insumos do que os fruticultores. Dos produtores de frutas entrevistados, somente 6% deles obtiveram parte dos recursos com revendas, sendo que, na média, esse montante representou 25% do capital de terceiros. Já entre os horticultores – produtores principalmente de batata, tomate e cebola –, 38% deles recorreram a revendas e os recursos destas representaram em média 35% do total obtido com terceiros. Assim, provavelmente, o custo do capital de giro das hortaliças é superior ao das frutas.

As características da hortifruticultura, muitas vezes, fazem com que um produtor de pequena escala, que mantém negócio gerenciado pela família, não se enquadre ao Pronaf. Tanto o montante financeiro movimentado quanto a contratação de mão-de-obra tipicamente envolvidas na produção de frutas e hortaliças podem infringir as regras gerais desse programa. Em culturas como tomate e uva, por exemplo, é comum haver mais de 2 funcionários fixos em um único hectare.

Por outro lado, encontram-se também alguns casos de hortifruticultores que, apesar de estarem aptos a acessar o programa, não o utilizam e, na maior parte das vezes, porque não o conhecem em detalhes. Aos que pude-

# Afinal, o que este sanduíche tem a ver com a Nunhems?



www.ahortifruti.com.br

A resposta é Inovação. Através da pesquisa, a Nunhems, companhia de sementes de hortaliças da Bayer CropScience, oferece ao produtor variedades desenvolvidas para suas condições de cultivo, além de visar as necessidades do mercado como um todo. Isto é Qualidade e Saúde. No seu portfólio de produtos, encontram-se variedades de expressão, como o tomate PIZZADORO, os melões da linha MAGENTA, a melancia JENNY, a cenoura do tipo "baby", entre outros. Entre em contato com a nossa equipe e ponha mais valor no que você produz.



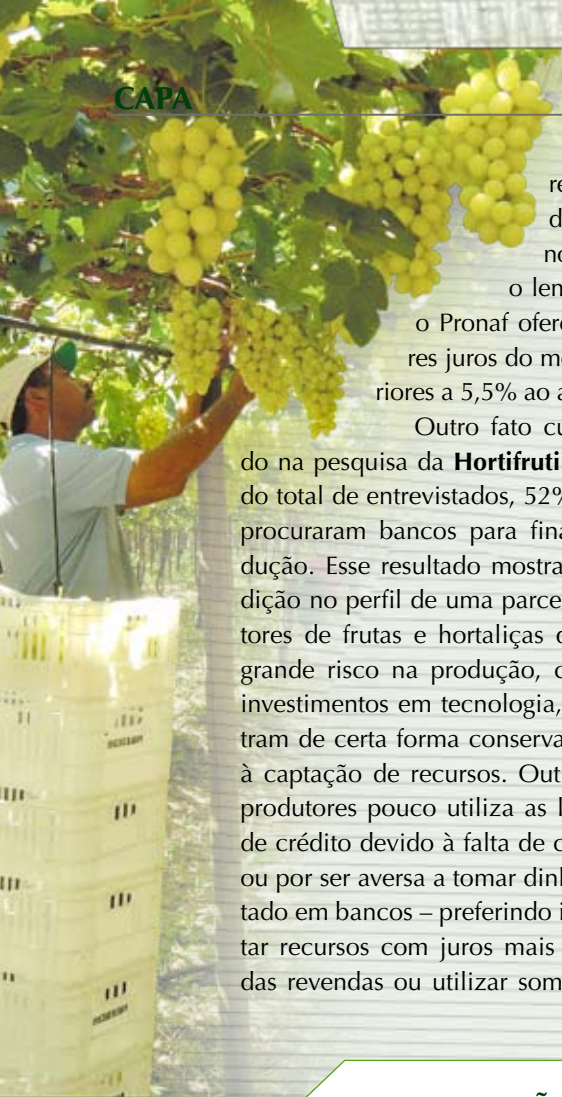
Fone: (19) 3236.9500  
Fax: (19) 3236.9696  
brasil@nunhems.com



nunhems®  
the global specialist

Inovação do campo à mesa.





rem participar do programa, no entanto, fica o lembrete de que o Pronaf oferece os menores juros do mercado – inferiores a 5,5% ao ano.

Outro fato curioso revelado na pesquisa da **Hortifruti Brasil** é que, do total de entrevistados, 52% nem sequer procuraram bancos para financiar a produção. Esse resultado mostra uma contradição no perfil de uma parcela dos produtores de frutas e hortaliças que assumem grande risco na produção, com elevados investimentos em tecnologia, mas se mostram de certa forma conservadores quanto à captação de recursos. Outra parcela de produtores pouco utiliza as linhas oficiais de crédito devido à falta de conhecimento ou por ser aversa a tomar dinheiro emprestado em bancos – preferindo inclusive captar recursos com juros mais caros através das revendas ou utilizar somente recursos

próprios. Esse comportamento, no entanto, acaba por limitar a expansão do negócio.

O aumento do crédito oficial para a hortifruticultura é essencial. Um maior apoio – a taxas de juros baixas – para o custeio, investimento e comercialização ajudaria a equilibrar o fluxo de caixa do hortifruticultor, podendo também minimizar a oscilação de preços do setor. Isso beneficiaria não só o produtor como o consumidor em geral, que convive com forte oscilação dos preços dos hortifrutícolas. Como visto, grande parte da safra é bancada pelo próprio produtor e, quando o resultado é negativo, falta recurso para investir na temporada seguinte, agravando o sobe-e-desce dos preços.

É preciso que o setor deixe de ser refém da falta de organização para dar um passo à frente nas políticas de crédito. Às entidades que superarem esse desafio, sugere-se uma lista de reivindicações para a adequação da política de crédito específicas para o setor. ■

## SUGESTÕES PARA ADEQUAR A POLÍTICA DE CRÉDITO À HORTIFRUTICULTURA

- ⊙ Considerar hortaliças e frutas como um só grupo de acesso a linhas especiais de crédito;
- ⊙ Ampliar o valor de custeio por CPF para os produtores de hortaliças de modo a equipará-lo ao valor concedido a frutas;
- ⊙ Desenvolver uma política específica do Pronaf para os produtores de frutas e hortaliças, ampliando o limite de faturamento e o número de funcionários fixos por produtor;
- ⊙ Desenvolver uma linha de crédito de apoio à comercialização para frutas frescas que não podem ser estocadas. Uma das saídas seria promover linhas especiais para a aquisição do produto por atacadistas e supermercados. Um modelo de CPR que una o produtor, empresa de insumos e o comprador pode ser desenhado para financiar a lavoura;
- ⊙ Ampliar a cobertura do seguro rural para doenças dos hortifrutícolas que não apresentam controle agrônômico e implicam na erradicação da planta;
- ⊙ Equalizar o percentual de subvenção (subsídio) do governo federal para todos os hortifrutícolas em 60%.





## Safra de verão em pico de colheita

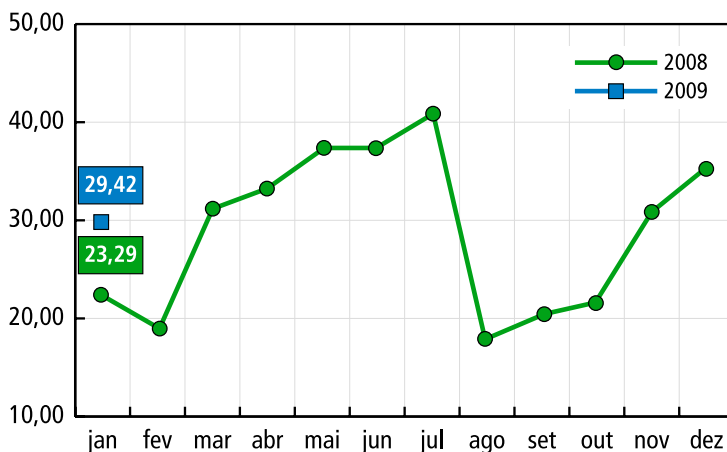


### Regiões paulista e catarinense entram em pico de safra

As regiões de Itapeva (SP) e de Caçador (SC) entram em pico de safra neste mês. Juntas, devem colher cerca de 13,7 milhões de pés, o que corresponde a 76% do total esperado para o mês em todas as regiões produtoras. Em Santa Catarina, o início de colheita teve pequeno atraso de 10 dias, devido ao clima relativamente frio nos dois últimos meses de 2008 – período em que as lavouras estavam em fase de desenvolvimento. Em Itapeva, o calendário de colheita deve se manter na média histórica, havendo concentração de oferta em fevereiro. A incidência de cancro bacteriano, causado pela *Clavibacter michiganensis* subsp. *Michiganensis* tem preocupado produtores desta praça, visto que a doença reduz a produtividade para pouco menos de 300 caixas/mil pés, o que corresponde a uma queda de 20% em relação à média da região. Quanto aos preços, a maior oferta deve manter a pressão sobre as cotações do tomate salada AA – mas não devem cair para os níveis de fev/2008. A expectativa é que sejam ofertadas 5,0 milhões de caixas neste mês, volume inferior ao registrado em fevereiro do ano passado (5,9 milhões), quando produtores receberam em média R\$ 12,56/cx de 23 kg.

### Quebra de produtividade no ES

A safra 2008/09 de Venda Nova do Imigrante (ES) teve quebra de 17% em relação à



### Preços caem em janeiro

Preços médios de venda do tomate salada AA longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg



Fonte: Cepea

temporada anterior, devido à incidência de *Fusarium oxysporum* f. sp. *Lycopersici*, causador da murcha-de-fusário. Com a doença, os frutos não se desenvolvem, amadurecem ainda pequenos, aumentando a proporção da classificação 1A em relação ao AA. Até o final de janeiro, as lavouras formadas em dezembro/08 e janeiro/09 eram as mais atingidas pelo fungo e, portanto, a produtividade nas roças capixabas deve continuar baixa – inferior a 250 caixas/1.000 pés – pelo menos até o fim de fevereiro. Além dos problemas com a doença, tomaticultores de Venda Nova tiveram a rentabilidade prejudicada pelas chuvas intensas de janeiro. Segundo produtores, as precipitações dificultaram a entrada de tratores nas lavouras e causaram quedas de barreiras nas vias utilizadas para escoar a produção. Com isso, o transporte era feito por vias alternativas, atrasando a distribuição. O excesso de umidade também prejudicou a qualidade de parte da produção colhida no primeiro mês de 2009, que apresentou problemas de manchas e acidez.

### Inicia plantio da safra de inverno de 2009

No final de dezembro/08, as regiões de Sumaré (SP), Araguari (MG), Sul de Minas e Paty do Alferes (RJ) iniciaram o plantio da primeira parte da safra de inverno de 2009, cuja área deve ser ligeiramente menor que a da temporada passada, cerca de 4%. Em janeiro, mês de concentração de cultivo, as praças de Mogi Guaçu (SP) e Itaocara (RJ) também iniciaram a preparação das mudas. Cerca de 14,5 milhões de pés devem ser plantados no período, o que corresponde a 30% do total da safra. As praças paulistas são as principais responsáveis por este volume – cerca de 4,9 milhões de pés em Sumaré e 2,7 milhões em Mogi Guaçu. As mineiras, incluindo a região de Pará de Minas, contabilizam, juntas, aproximadamente 3,7 milhões de pés. Neste mês, a última praça a iniciar o plantio é São José de Ubá (RJ), cultivando cerca de um milhão de mudas, o que representa 20% do total da região na safra de 2009. Em fevereiro, espera-se que sejam plantadas em torno de 10,5 milhões de mudas.





## Clima prejudica safra catarinense

### Safra de precoce diminui 25% em Ituporanga (SC)

O grande volume de chuva entre outubro e novembro/08 em Ituporanga (SC) deve reduzir em 25% a safra (geral) de cebola dessa região. No total, essa região é responsável por 75% da oferta de cebola catarinense. Cerca de 80% da produção de Ituporanga é de precoce e o restante de crioula – de ciclo mais tardio. A colheita desta cultivar foi iniciada no final de dezembro/08 e sua produtividade não deve ter sido afetada. Além de reduzir a produção e a qualidade, o excesso de chuva encareceu a produção, uma vez que exigiu aumento das aplicações de defensivos. Segundo produtores, o mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura nesta safra (2008/09) deve ser de R\$ 0,45/kg, 28% superior à temporada passada. Para agravar, o tempo de armazenamento dos bulbos (sem que a qualidade seja afetada) diminuiu, tanto para a variedade precoce quanto para a crioula, acarretando em um maior volume ofertado no primeiro bimestre de 2009. Conseqüentemente, o fim da safra na região, que normalmente ocorre no início de abril, deve ser antecipado, podendo adiantar as importações.

### Produtores antecipam plantio no Nordeste e em MG

Produtores do Vale do São Francisco anteciparam o plantio da safra 2009, na expectativa de obter bons preços entre maio e junho, motivados na quebra de produção em Ituporanga (SC). Os

primeiros canteiros foram plantados no início de janeiro – normalmente, as atividades começam no final do mês –, com a colheita devendo iniciar na segunda quinzena de abril. A área cultivada no Vale neste ano deve ser 12% superior à de 2008, estimulada pelos ganhos obtidos naquele ano. Produtores comentam que estão enfrentando até mesmo dificuldades para comprar sementes. Em Irecê (BA), estima-se um acréscimo de 20% na área – a safra nesta região vai de abril a junho. Em Minas Gerais, nas regiões de Santa Juliana e São Gotardo, alguns produtores também arriscaram iniciar o plantio mais cedo, em novembro/08. O risco da antecipação vem do grande volume de chuva do final/início do ano, que pode elevar os custos e reduzir a produtividade. Até o final de janeiro, a área cultivada representava cerca de 10% do total estimado para a região, onde, normalmente, o plantio só se inicia no final de janeiro. A colheita das primeiras lavouras deve começar em abril.

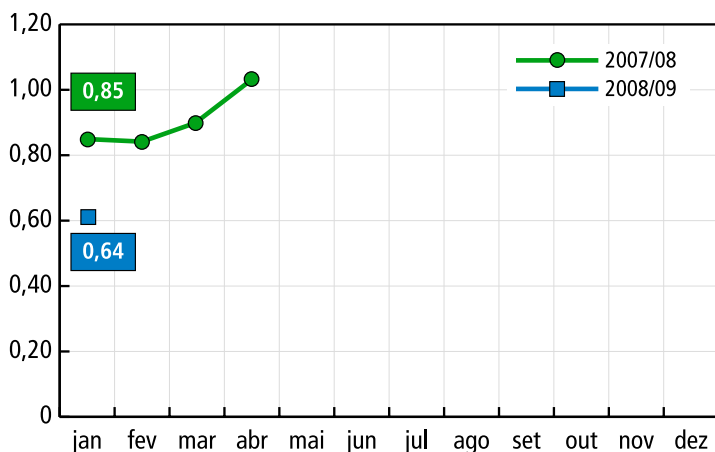


### Importação começa em fevereiro

De acordo com importadores brasileiros, os bulbos argentinos deverão começar a entrar no País na segunda quinzena de fevereiro. O volume produzido na Argentina deverá ser semelhante ao da safra anterior. Por um lado, houve aumento de 30% na área cultivada em 2008, mas a estiagem ocasionou grandes perdas.

### Fim da colheita no Paraná e Rio Grande do Sul

Os estados do Paraná e do Rio Grande do Sul terminaram a colheita de cebola no final de janeiro. No entanto, ainda restam cerca de 28% da produção para ser comercializada. No Paraná, produtores tiveram problemas com a safra de crioula, que corresponde a 50% do total produzido, devido ao longo período de estiagem em dezembro – fase final de desenvolvimento do bulbo. Houve roças onde a queda do potencial produtivo chegou a 40%; em todo o estado, a quebra foi em torno de 15%.



### Cebola desvalorizada em relação à safra 2007/08

Preços médios recebidos por produtores sulistas pela cebola crioula na roça - R\$/kg



Fonte: Cepega





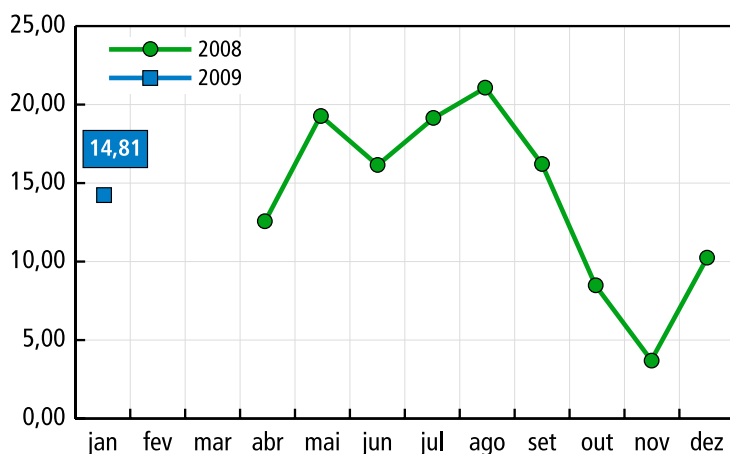
## Safra de verão 2009 inicia com preços altos em MG

### Preços seguem valorizados na safra de verão

A safra de verão de cenoura iniciou em meados de dezembro/08 nas regiões pesquisadas pela Hortifruti/Cepea – exceto Caxias do Sul (RS), que deve começar em fevereiro. Nos municípios mineiros de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba, principais produtoras de cenoura do País, as cotações nas roças tiveram média de R\$ 14,81/cx “suja” de 29 kg em janeiro, 64% maior que o valor mínimo para cobrir as despesas com a cultura – calculado por produtores em R\$ 9,04/cx em janeiro, com uma produtividade média de 57,9 t/ha para o período. Segundo agentes, o elevado volume de chuva e as altas temperaturas em meados de dezembro prejudicaram a qualidade da raiz, que começou a apresentar problemas de “mela”. Com isso, a durabilidade da hortaliça torna-se menor. Para fevereiro, os preços devem continuar em alta, com o aumento da demanda por conta das voltas às aulas – o consumo nas escolas corresponde a 15% do total demandado, segundo agentes.

### Chuva atrapalha plantio em MG

As fortes chuvas ocorridas em janeiro em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG) prejudicaram o plantio de cenoura da safra de verão em algumas áreas – o elevado índice pluviométrico impossibilita a formação dos canteiros nas roças e a utilização de maquinarias para o cultivo. Para recuperar esse atraso, produtores intensificaram as atividades nas semanas seguintes.



### Safra de Verão inicia com preços valorizados

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo (MG) pela cenoura “suja” na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea



### MG finaliza inverno com rentabilidade positiva

A safra de inverno 2008 finalizou em meados de dezembro nas regiões mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba. Os preços da caixa de cenoura “suja” de 29 kg em outubro e em novembro/08 tiveram média de R\$ 4,66/cx, cerca de 14% inferior ao valor mínimo estipulado por produtores para cobrir os gastos com a cultura. Esse preço menor esteve atrelado à grande oferta no período, por conta da alta produtividade observada – em torno de 85 toneladas por hectare. A rentabilidade da safra, contudo, foi positiva em 53%, visto que os valores praticados nos meses anteriores estiveram altos. Durante a safra de inverno, o valor mínimo para cobrir os gastos com a cultura teve média de R\$ 6,95/cx e o mensal recebido por produtores, ponderado pela área colhida, de R\$ 10,61/cx “suja” de 29 kg. A produtividade média ficou em 63 t/ha.



### Marilândia do Sul encerra safra de inverno

Durante o período de coleta de dados pela Hortifruti/Cepea em Marilândia do Sul (PR) (agosto a dezembro/08), a região apresentou rentabilidade positiva para a safra de inverno – cerca de 48% superior ao valor mínimo necessário para cobrir os gastos com a cultura, que ficou em média de R\$ 6,86/cx “suja” de 29 kg. O preço médio ponderado pela área cultivada da caixa “suja” de 29 kg esteve em torno de R\$ 10,13/cx, enquanto que a produtividade média foi de 55 toneladas por hectare.

### Produtores baianos também têm ganhos

A região produtora de cenoura de Irecê (BA) também teve uma rentabilidade positiva (média de 53%) durante a safra de verão do segundo semestre de 2008. O preço médio ponderado pela área colhida para a caixa “suja” de 20 kg foi de R\$ 8,84/cx entre julho e dezembro/08. Já o valor mínimo estimado pelos produtores para cobrir os gastos com a cultura foi de R\$ 5,79/cx para o mesmo período, com uma produtividade média de 43 t/ha. A falta de chuvas em outubro/08 na região baiana prejudicou a safra e limitou a oferta da raiz nestes últimos meses. Apesar da baixa oferta baiana no período, o envio de cenoura mineira para o Nordeste impediu valorizações ainda maiores para a cenoura de Irecê.



**Oferta de fev/09 deve ser inferior à de fev/08**

## Diminui área colhida em fevereiro

Neste mês, a área de batata colhida deve diminuir cerca de 15% em relação ao mesmo período de 2008. O clima favoreceu o plantio na época adequada (setembro e outubro/08), evitando a concentração da safra em fevereiro, como ocorrido na temporada anterior. Além disso, a baixa rentabilidade registrada na safra 2007/08, devido à queda dos preços causada pela oferta elevada, provocou redução de 5% nos investimentos totais em área para a atual safra em relação à anterior.

## Sul de Minas segue em pico de safra

Em fevereiro, a colheita de batata nas roças do Sul de Minas deve seguir intensa. A expectativa é que sejam colhidos 3.250 hectares, área semelhante à de janeiro, mas 20% inferior à de fev/08. O clima favorável ao desenvolvimento dos tubérculos (novembro e dezembro/08) tem proporcionado melhor escalonamento da oferta nesta temporada frente à anterior, que teve problemas com a seca entre setembro e outubro/07. Com a boa distribuição da oferta neste ano, em janeiro, a batata especial padrão ágata foi comercializada nas roças mineiras a R\$ 34,49/sc de 50 kg, em média, 15% superior ao mesmo período do ano passado. Em fevereiro, a menor oferta (geral) do tubérculo em relação a janeiro deve manter os preços em bons patamares para o

produtor, podendo confirmar uma rentabilidade maior do que a registrada na safra 2007/08.

## Chuvas no Sul de Minas afetam qualidade

A combinação de elevado volume de chuvas e tempo quente registrados em dezembro/08 e janeiro/09 tem causado forte proliferação da murcha-bacteriana nas lavouras de batata do Sul de Minas, principalmente nas roças próximas de Bom Repouso. De acordo com técnicos locais, a incidência da doença é maior nas lavouras com sementes acima da quarta geração, geralmente utilizadas por pequenos produtores da região.



## Intensifica colheita em Água Doce

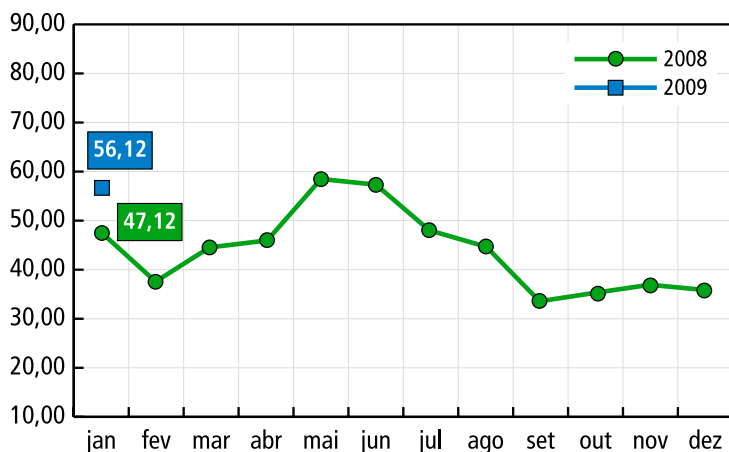
A colheita da safra das águas em Água Doce (SC) deve intensificar neste mês. Estima-se que entre dezembro/08 e janeiro/09 foram colhidos cerca de 10% dos 6,6 mil hectares previstos para a temporada. O pico de safra na região deverá ocorrer entre março e maio, com previsão de colheita de 1.600 hectares em cada mês.

## Inicia colheita no Triângulo Mineiro

Na região do Triângulo Mineiro/Alto da Paranaíba (MG), a colheita de batata começa em fevereiro, com cerca de 20% do total cultivado devendo ser ofertado. A área desta safra na região (11.500 hectares) é 5% menor que a do ano passado. A temporada mineira deve atingir o pico de colheita em abril, sendo finalizada em maio.

## Avança plantio das secas

Produtores do Sul de Minas, Ibiraiaras (RS), Sudoeste Paulista e das praças paranaenses de Curitiba, São Mateus do Sul, Ponta Grossa e Irati intensificam o plantio da safra das secas em fevereiro. Juntas, essas regiões devem cultivar em torno de 9,8 mil hectares de batata no período, 5% a mais que no mesmo período de 2008 e representando cerca de 60% do total estimado para a safra.



## Mercado de chuva eleva preços

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA BATATA  
Cadastre-se e receba preços semanais de batata.  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade)



## Oferta elevada desvaloriza nanica

### Aumenta oferta de nanica no Vale do Ribeira

Os preços da banana nanica do Vale do Ribeira (SP) continuaram em queda no primeiro mês de 2009. A variedade foi cotada à média de R\$ 6,90/cx de 22 kg, na roça, baixa de 24% em relação à de dezembro/08. O motivo é o aumento na oferta, que deve ser elevada até meados de março. Além disso, em fevereiro, durante a semana de carnaval, o volume de vendas normalmente diminui, reforçando a pressão sobre as cotações. Por outro lado, atacadistas esperam que com a volta às aulas o consumo pela fruta aumente, limitando as quedas de preços.

### Prata valoriza com baixa oferta

Ao contrário da nanica, em janeiro, a banana prata continuou valorizada, registrando os maiores preços desde março de 2007. Em média, a variedade foi comercializada a R\$ 19,49/cx de 22 kg no Vale do Ribeira, a R\$ 23,46/cx no norte de Minas Gerais e a R\$ 18,38/cx em Bom Jesus da Lapa (BA). Esses valores são 20% superiores aos praticados em dezembro/08. Segundo produtores, os patamares devem seguir elevados durante o primeiro semestre, período de entressafra nacional da variedade.

### Chuvas comprometem qualidade da fruta catarinense

O estado de Santa Catarina sofreu no final do ano passado, principalmente em novembro, com o longo período de chuva. Luis Alves, importante re-

gião produtora de nanica do norte do estado, foi uma das cidades mais atingidas. Em termos de volume, as perdas não foram tão grandes quanto se esperava, restringindo-se a alguns pontos em que houve erosão, na qual pés de banana foram arrancados. Devido à frequência de chuvas, porém, muitos tratos culturais ficaram impossibilitados de serem realizados, como a pulverização aérea contra a *sigatoka negra*. Além disso, o acesso aos bananais estava interditado por conta das barreiras que caíram em muitas estradas. Com isso, a qualidade da fruta diminuiu, o que, somado à elevada oferta nas roças paulistas, pressionaram as cotações. Em janeiro, a nanica teve média de R\$ 3,52/cx de 22 kg queda de 35% sobre dezembro/08.

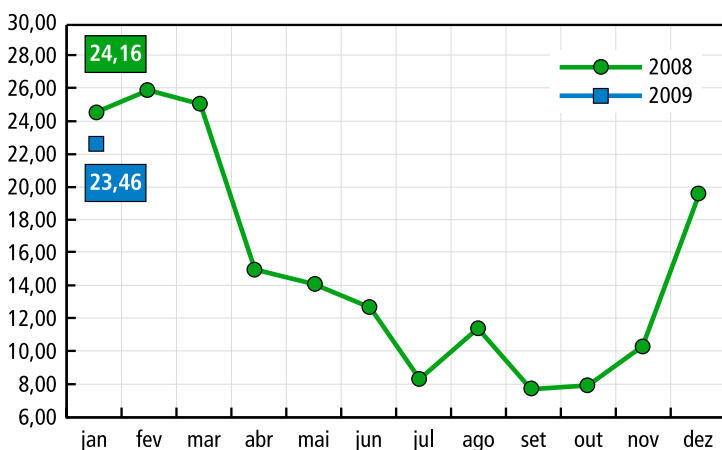
### Lentidão de fim-de-ano derruba preço no atacado

Com as festividades de fim-de-ano, normalmente reduz o consumo de banana. Um dos motivos é o aumento na procura por frutas natalinas. Com isso, atacadistas da Ceagesp afirmaram que as vendas de banana, principalmente as de nanica, foram bastante lentas no período. A nanica, que além da baixa demanda enfrentou elevada oferta, teve redução de 8%, terminando o mês de janeiro cotada, em média, a R\$ 14,23/cx de 22 kg nos boxes paulistanos.



### Exportações brasileiras diminuem em 2008

Em 2008, as exportações brasileiras de banana diminuíram em relação ao ano anterior. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de janeiro a dezembro/08, o volume embarcado para o Mercosul caiu 26%, devido principalmente à maior concorrência exercida pelo Equador, onde a qualidade da fruta não atendeu às exigências do mercado europeu. Para a Europa, a queda no volume exportado foi de 34%, resultado da quebra de safra no Rio Grande do Norte, de cerca de 25% - no início de 2008, fortes chuvas afetaram as lavouras locais.



### Prata mineira valoriza

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/cx de 20 kg

Fonte: Cepea





## Menor oferta em janeiro impulsiona preço no Nordeste

### Oferta elevada mantém preços baixos no final de 2008

Ao contrário do que esperavam produtores de melão do Rio Grande do Norte/Ceará, os preços da fruta não valorizaram em dezembro de 2008. Mesmo com o aquecimento da demanda típico do período, motivado pelo clima quente e pelas festas de fim-de-ano, a grande oferta manteve os preços em patamares baixos. A valorização do melão ocorreu somente a partir do início de janeiro, quando o ritmo de colheita diminuiu e o envio da fruta ao mercado internacional aumentou, reduzindo a oferta doméstica.

### Crise prejudica exportações de novembro e dezembro

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o Brasil embarcou 154 mil toneladas de melões entre agosto e dezembro de 2008, volume 3% superior ao exportado no mesmo período de 2007. Esses números representam a boa campanha realizada entre os meses de agosto a outubro, já que, em novembro e dezembro, quando a crise financeira teve maior impacto sobre o setor, produtores foram obrigados a revisar os contratos e a diminuir os volumes exportados da fruta. Desse modo, entre novembro e dezembro, houve queda de 9% nos volumes embarcados ao bloco europeu em relação ao mesmo período de 2007. Na primeira semana de janeiro, no entanto, o cenário esteve mais favorável às exportações, principalmente para o melão tipo pele de sapo, cujos embarques dobraram no período. A partir da segun-

da semana de janeiro, com a redução na colheita, houve novamente redução nos envios da fruta.

### Plantio no Rio Grande do Norte/Ceará é finalizado

Em janeiro, o plantio da safra de 2008/09 foi finalizado no pólo produtor Rio Grande do Norte/Ceará. Em janeiro, a colheita já apresentou reduções, por conta das chuvas típicas do período, que desfavorecem a qualidade da fruta. Segundo produtores, 12,5 mil hectares foram cultivados nesta safra, com cerca de 50% da área destinada ao cultivo do melão amarelo e o restante com melões nobres.

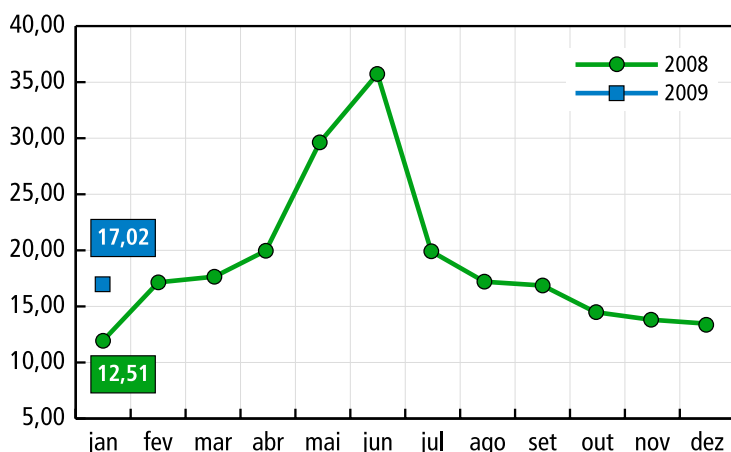
### Área cultivada no Vale diminui 30%

O plantio de melão da safra de 2009 iniciou em janeiro em Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), no Vale do São Francisco. Neste ano, produtores diminuíram em 30% a área plantada com a fruta. O principal motivo é a baixa rentabilidade da safra passada (março a agosto/08), decorrente da quebra de produtividade por conta das chuvas no período da colheita. Além disso, o menor preço recebido durante as festas de fim-de-ano desestimulou a produção. A colheita de melão da safra 2009 deve iniciar em meados de março e seguir até agosto.



### Aumentam exportações aos EUA

O Brasil exportou cerca de 540 toneladas de melões aos Estados Unidos entre outubro e dezembro de 2008, segundo a Secex. Apesar de o volume ainda ser pequeno, as exportações foram cerca 2,6 vezes maiores se comparado ao mesmo período de 2007. Este aumento se deve principalmente à valorização do dólar frente ao Real, o que torna mais rentável o envio da fruta aos Estados Unidos. Os embarques de melão ao país norte-americano iniciaram em meados de outubro/08 e devem seguir até março/09. De março/09 a outubro/09, as exportações se tornam inviáveis, visto que os EUA aplicam uma taxa de 28% nos embarques brasileiros.



### Menor oferta valoriza melão na Ceagesp

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 no atacado de São Paulo - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepega

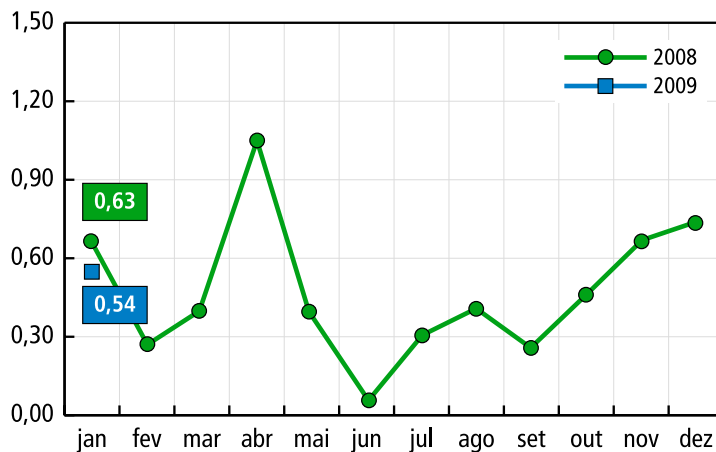
SEÇÃO ELETRÔNICA MELÃO  
Cadastre-se e receba preços semanais de melão.  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade)



## Constantes chuvas no ES prejudicam safra

Após sucessivas chuvas no Espírito Santo – entre novembro e janeiro – muitas roças apresentaram problemas fitossanitários. O desenvolvimento do fungo *Phitophthora*, que provoca o apodrecimento da raiz pivotante, é um dos patógenos mais encontrados na região. Estima-se que houve perda de 10% nas áreas novas, que foram plantadas no segundo semestre de 2008. Apesar da chuva ter parado no final de janeiro, foi possível recuperar parte das plantas com aplicações fúngicas, mas não a produção, visto

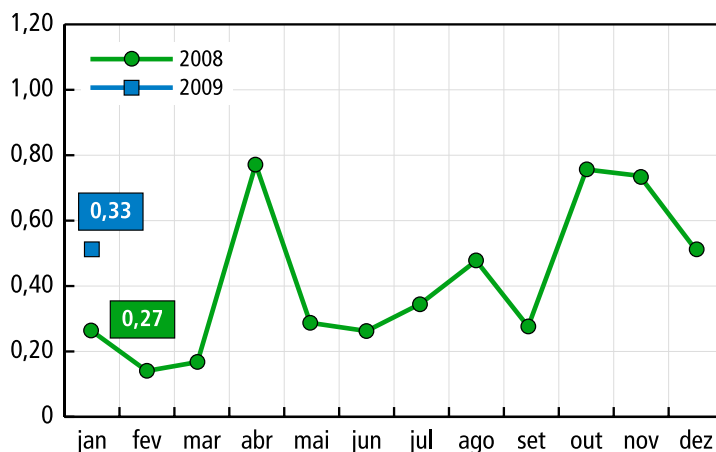
## Chuva no Espírito Santo atrapalha produção



## Havaí desvaloriza 30% nas roças capixabas

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg

Fonte: Cepea



## Formosa valoriza 22% em relação a janeiro/08

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão formosa - R\$/kg

Fonte: Cepea

que já estava comprometida. Dessa forma, a oferta e a qualidade fitossanitária da fruta capixaba tende a ser menor nos primeiros meses de 2009. Além dos problemas trazidos pelas chuvas, muitas roças velhas não foram reformadas em 2008. Com isso, a oferta de mamão capixaba deve ser menor neste ano.

## Novas áreas de produção compensam reduções no ES e no sul da BA

Apesar das reduções da área cultivada com mamão no Espírito Santo e no sul da Bahia (observadas a partir de 2006), o valor médio pago ao produtor pelo quilo de formosa e havaí vem se mantendo estabilizado desde 2007. Tal fato se deve, principalmente, ao plantio de novas áreas de mamão em outras regiões, como no oeste baiano e no norte de Minas Gerais, o que compensou a redução no volume produzido no ES e no sul da Bahia. Essas novas áreas são irrigadas com água do rio São Francisco, além disso, essas regiões possuem ótimo clima para o cultivo de frutíferas tropicais, reduzindo o custo de produção. Outro ponto positivo é a ausência da doença do mosaico, o qual normalmente inviabiliza a cultura do mamão. Assim, é possível oferecer ao mercado uma fruta de boa qualidade e com preços competitivos. Além das novas áreas de mamão, segundo agentes do mercado, o aumento da produtividade em todas as regiões produtoras e a redução no volume exportado também contribuíram para a manutenção das cotações domésticas em baixos patamares.

## Exportações brasileiras diminuem com a crise

O volume total exportado de mamão brasileiro em 2008, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), foi de 29,9 mil toneladas, redução de 7,1% em relação a 2007. Os envios aos Estados Unidos diminuíram 15,1% no período e à União Européia, 6,1%. De acordo com agentes do mercado, a crise financeira reformulou as negociações da fruta. Muitas das cargas que iam para exportação em modo consignado tiveram seus preços pré-estipulados pelos fornecedores, como garantia encontrada para receber o valor das cargas comercializadas.







## Safra da Flórida diminui no início de 2009

### USDA reduz safra da Flórida para 162 mi caixas

A safra 2008/09 de laranja da Flórida deve ser de 162 milhões de caixas, diminuição de 3 milhões de caixas (-2%) sobre a estimativa de dezembro/08, conforme relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) divulgado em janeiro/09. A redução ocorreu na safra de precoces e meia estação, devido ao menor calibre da fruta e à queda de laranja dos pés. Essa previsão mostra a dificuldade da Flórida em superar o intervalo de 160 a 170 milhões de caixas por safra, o que está atrelado também à erradicação de árvores afetadas por doenças e ao desenvolvimento urbano. Quanto à colheita de laranja da Flórida, conforme o relatório do Comitê Administrativo de Citros da Flórida, quase 70% da produção de precoces e meia estação da safra 2008/09 havia sido colhida até o dia 1º de fevereiro. As atividades de campo deverão ser intensificadas nos próximos meses, atingindo cerca de 50% da produção total em fevereiro.



### Geadas não reduzem oferta na Flórida

Na segunda quinzena de janeiro, foi verificada ocorrência de geadas pontuais em pomares da Flórida, mas especialistas comentam que a prática de irrigação protegeu boa parte dos pomares contra os possíveis danos. O clima frio, que motivou reajustes na bolsa de Nova York, já não deve mais ser fator de suporte para os preços, uma vez que o

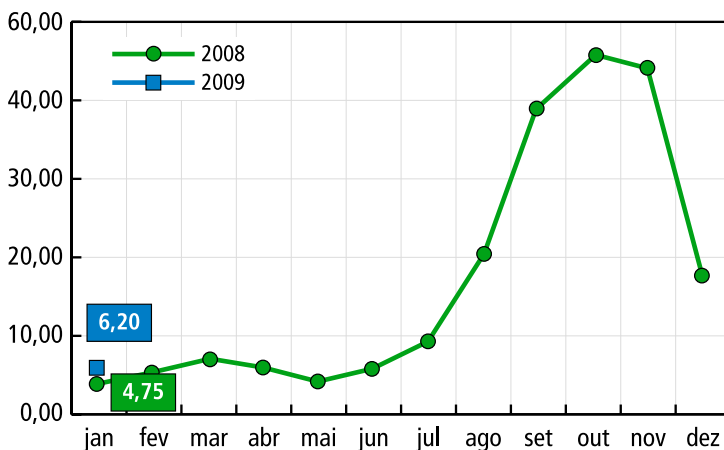
período mais propício de geadas ocorre principalmente em janeiro. Mesmo que na próxima estimativa do USDA haja redução no número de caixas de laranja da Flórida, o impacto da menor oferta será inexpressivo no mercado, diante dos elevados estoques daquele país. De acordo com o último relatório dos processadores de citros da Flórida, o volume estocado até 17 de janeiro foi calculado em 109 milhões de galões de suco concentrado (42º Brix), 55% acima do registrado no mesmo período do ano anterior (70,3 milhões de galões).

### Safra paulista deve encerrar em fevereiro

Boa parte dos citricultores do estado de São Paulo deve encerrar a safra 2008/09 em fevereiro. Assim, produtores aguardam novas propostas, uma vez que muitos contratos vencem neste início de ano. Com a diminuição da oferta, algumas indústrias deram por concluída a moagem da safra atual entre o final de janeiro e o início de fevereiro. Nesse sentido, o ritmo de vendas esteve lento no mercado *spot* – as variedades pêra, natal e valência tiveram média de R\$ 6,80/cx de 40,8 kg, postas no portão, recuo de 6,5% sobre o mês anterior. Já no mercado de laranja de mesa, a pêra *in natura* foi cotada a R\$ 10,00/cx de 40,8 kg, na árvore, alta de 3,1% em relação à média de dezembro.

### Tahiti valoriza em janeiro em relação aos anos anteriores

Em fevereiro, a oferta de lima ácida tahiti deve ser ainda maior, pressionando as cotações. A disponibilidade da fruta, porém, é pequena se comparada ao mesmo período de anos anteriores, quando a elevada oferta derrubava expressivamente as cotações – em 2008, esse impacto já havia sido parcialmente amenizado. Desde janeiro, a tahiti tem sido destinada à indústria, além de atender os mercados doméstico e exportador. No portão das fábricas, em janeiro de 2009, a tahiti teve média de R\$ 8,44/cx de 40,8 kg; no mercado doméstico e para exportação foi cotada, respectivamente, por caixa de 27 kg, a R\$ 6,20, colhida, e R\$ 10,25/cx (posto barracão).



### Oferta baixa de tahiti valoriza fruto

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela lima ácida tahiti no mercado interno - R\$/cx de 27 kg, colhida

Fonte: Cepea



SEÇÃO ELETRÔNICA CITROS  
Cadastre-se e receba preços semanais de citros.  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade)

# Quem avisa amigo é



**syngenta**

© Syngenta 2008



Inspecione o pomar  
periodicamente



Elimine a  
planta infectada



Combata  
o psilídeo



Utilize mudas  
saudáveis

## Todos contra o Greening

Pé achado, pé eliminado

[www.syngenta.com.br](http://www.syngenta.com.br)



## Menor oferta impulsiona preços no Vale

### Vale volta a colher em março

A menor oferta de manga em Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) tem impulsionado os preços da *tommy atkins* desde dezembro de 2008. Na média de dez/08 e jan/09, a alta foi de 98% em relação ao mesmo intervalo passado. Nesse período, muitos produtores realizaram induções florais no intuito de colher a fruta a partir de março. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o volume de chuvas deve ficar na média histórica durante o primeiro trimestre de 2009, o que pode acarretar doenças, como a antracnose, que prejudicam a qualidade da fruta.

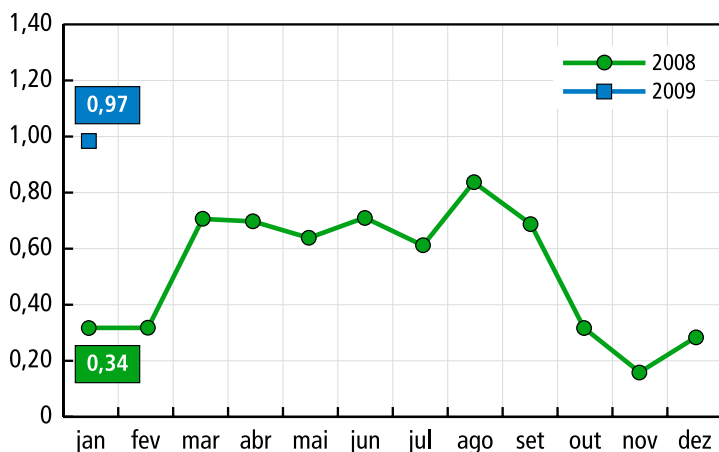
### Safra de palmer em São Paulo segue até fim de fevereiro

A colheita de manga *palmer* em Monte Alto/Taquaritinga, interior de São Paulo, começou em dez/08, devendo ser finalizada em fevereiro de 2009. Diferentemente da temporada 2007/08 – que teve pico de safra em fevereiro –, na 2008/09 a colheita se intensificou a partir da segunda semana de janeiro, resultando em preços 6% mais baixos que os de dezembro de 2008. Mesmo com o aumento de área em torno de 1,5% em 2008, o volume de manga ofertado deve manter-se semelhante ao da safra anterior, devido às adversidades climáticas durante a frutificação (junho e julho/08).



### Exportações aumentam para União Européia

Motivadas pela valorização do dólar, prin-



### Baixa oferta eleva cotações

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg



Fonte: Cepea

cipalmente no segundo semestre de 2008, as exportações brasileiras de manga ao mercado europeu aumentaram 20% em relação a 2007, totalizando 101 mil toneladas no ano – Secretaria do Comércio Exterior (Secex). O volume elevado da fruta no bloco associado à menor demanda, por conta da crise financeira, refletiram em maior tempo de estocagem, resultando em queda na qualidade e, conseqüentemente, nos preços da manga. Além disso, a concorrência com frutas do Peru e do Equador, que apresentam boa qualidade e baixo custo de produção, também pressionaram as cotações da fruta brasileira na Europa. Na média de novembro e dezembro, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a *tommy atkins* brasileira foi comercializada no porto de New Covent Garden a média de US\$ 4,69/cx de 4 kg. Em 2009, os embarques da manga brasileira retomam com mais força a partir de março, quando deve aumentar a oferta nos pomares nordestinos e diminuir os envios dos principais países concorrentes no período. Agentes esperam que, neste ano, as exportações sejam semelhantes ou ligeiramente menores que as de 2008, resultado do atual cenário econômico.

### Reduz exportação de manga equatoriana

A safra do Equador, iniciada em outubro e que teve seu volume reduzido na última semana de janeiro de 2009, foi prejudicada pelas fortes chuvas durante o período de floração, o que, juntamente da menor área cultivada, resultaram em queda na produtividade. Dessa forma, foram embarcadas nesta safra em torno de 5,9 milhões de caixas aos Estados Unidos, redução de 31% em relação à anterior, segundo a Fundação de Manga do Equador (FME). A menor oferta de manga na Europa e nos Estados Unidos impulsionaram os preços nestes mercados. Segundo o USDA, em janeiro de 2009 a *tommy atkins* proveniente do Equador 10s foi negociada à média de US\$ 8,60/cx de 4 kg no porto de Los Angeles, alta de 130% em comparação à janeiro do ano anterior (US\$ 3,75/cx de 4kg).

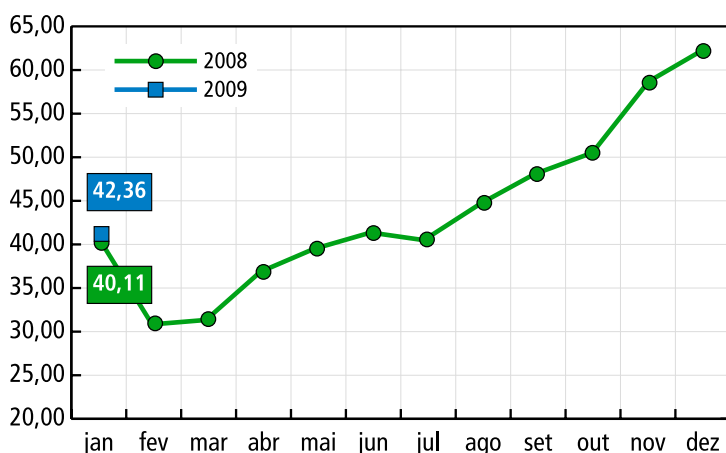




## Área da safra de gala é mantida, mas qualidade diminui

Em janeiro, começou a colheita de maçã *royal gala* nas principais regiões produtoras do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Segundo produtores, a área foi mantida em relação a 2008, e o volume colhido também deve ser semelhante. A qualidade da fruta, porém, foi prejudicada por adversidades climáticas (excesso de chuva e ocorrência de granizo) nos últimos meses de 2008. Desse modo, entre as frutas colhidas neste ano, deve haver um menor volume de maçãs de mesa, classificadas como Cat 1, e uma

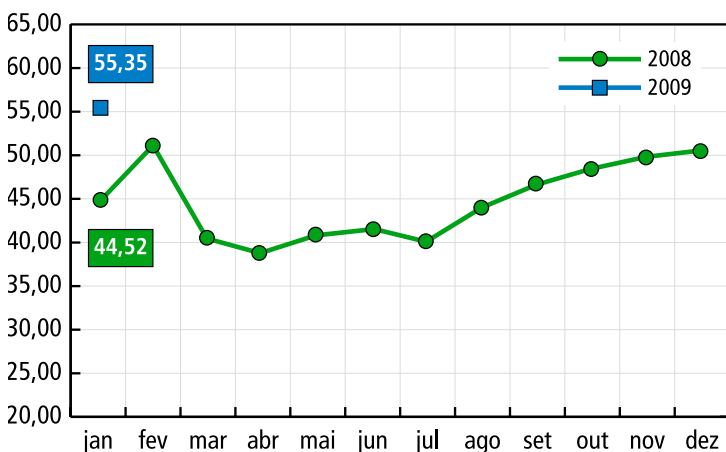
## Começa colheita de gala



## Início de safra de gala reduz preço

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 -110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea



## Fim dos estoques valoriza fuji na Ceagesp

Preços médios de venda da maçã fuji categoria 1 (calibres 80 -110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea



maior quantidade de Cat 2 e 3. Por outro lado, as frutas devem apresentar uma boa coloração, dada a renovação dos pomares de algumas empresas produtoras. Além disso, no início de janeiro/09, boas condições climáticas (noites frias e dias quentes) favoreceram a maturação da fruta, resultando em um maior crescimento e boa coloração.

## Baixas oferta e demanda para gala e fuji no fim-de-ano

Dado o encerramento dos estoques de maçã fuji de muitas empresas produtoras, a oferta interna foi baixa no fim-de-ano. A demanda por essas variedades, porém, esteve retraída, devido aos altos preços e à preferência por frutas natalinas. Nesse período, também foram comercializadas as maçãs eva e gala condessa (precoces), as quais estão disponíveis no mercado apenas de dezembro a fevereiro.

## Exportações brasileiras podem ser limitadas em 2009

Com o início da safra de gala, em fevereiro, as exportações brasileiras de maçã devem ser retomadas. Os envios, contudo, podem ser limitados neste ano, dada a previsão de maiores estoques no Hemisfério Norte e de aumento nos embarques da Argentina e do Chile, conforme o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Além disso, a ocorrência de chuvas de granizo nas regiões produtoras do Brasil pode afetar a qualidade da fruta, comprometendo ainda mais as exportações nacionais.

## Importações recuam 66% no fim de 2008

O Brasil importou menos maçã ao término de 2008. Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), de novembro a dezembro/08, o volume importado foi 66% menor que o do mesmo período de 2007. Com a valorização do dólar, a fruta importada ficou muito cara ao consumidor brasileiro, limitando a comercialização para a rede argentina e gala francesa.





## Baixa rentabilidade, menos uva no Vale



### Vale colhe menos no primeiro semestre

Produtores do Vale do São Francisco devem produzir menos uva no primeiro semestre de 2009 em relação ao mesmo período de anos anteriores, devido ao baixo desempenho na última temporada de exportação, entre setembro e dezembro de 2008. Com isso, produtores/exportadores deverão poupar recursos para a safra do segundo semestre, quando a comercialização da fruta é maior. Além da queda na demanda por frutas importadas, o resultado da última temporada para os Estados Unidos foi prejudicado porque a oferta de uva brasileira para o país, importante comprador do Brasil, aumentou em um momento em que a produção da Califórnia também havia crescido.

### Maior oferta e menor demanda européia reduzem preços no Brasil

Não faltou motivo para a uva brasileira se desvalorizar na Europa no final do ano passado. Para começar, a produção dos países que compõem aquele bloco econômico, principalmente a da Itália, aumentou. Simultaneamente, os impactos da crise econômica reduziram bastante o poder de consumo dos europeus. Como se não bastasse, durante o segundo semestre de 2008, o Greenpeace fez alertas sobre o excesso de resíduos tóxicos em uvas de mesa, o que desestimulou ainda mais o consumo das uvas importadas. Com isso, em dezembro, ainda

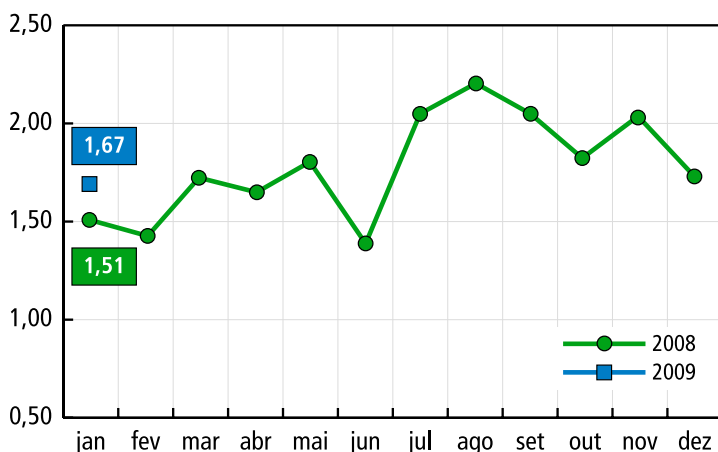
havia um grande volume de uva estocado nos portos europeus, que acabou sendo vendida a preços bastante reduzidos ou mesmo sendo descartada. Com a desvalorização da fruta brasileira no mercado internacional e a lentidão nas vendas observada durante a safra, produtores nordestinos estão apreensivos com o preço médio de fechamento que devem obter até março/09, referente à temporada passada. A média deve ficar próxima ou mesmo inferior aos valores recebidos em adiantamento – normalmente, esse adiantamento seria apenas uma parte do valor a ser recebido. Como consequência, muitos produtores podem terminar a safra endividados com as exportadoras e com bancos, o que acarretará em menores investimentos nas fazendas produtoras de uvas no Vale do São Francisco, podendo prejudicar a qualidade e a produtividade da safra 2009.

### Preços mais baixos no Paraná

Produtores do Paraná iniciaram a colheita de uva de mesa da safra 2008/09 em meados de novembro/08. A qualidade dos frutos e a produtividade foram consideradas bastante satisfatórias, o que aumentou a oferta, resultando em preços menores. Na média geral da safra, entre novembro/08 e janeiro/09, a média da uva Itália em Marialva (PR) foi de R\$ 1,83/kg, cerca de 16% inferior ao do mesmo período da temporada 2007/08. Na última quinzena do ano, os preços negociados na região paranaense foram cerca de 36% mais baixos em relação ao mesmo período de 2007.

### Interior paulista abastece mercado

As regiões paulistas de São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul são as principais praças abastecedoras do Sudeste com uva finas até março. Nesta safra, iniciada no final de dezembro/08, a oferta deve se concentrar principalmente entre a segunda quinzena de janeiro e meados de fevereiro. As expectativas são de uma safra com boa produtividade e qualidade, visto que condições climáticas durante o desenvolvimento dos frutos foram favoráveis. Quanto aos preços, as uvas podem registrar valorização em fevereiro em relação a janeiro, devido ao fim da safra paranaense.



### Vendas fracas em janeiro pressionam preço da Itália

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg



Fonte: Cepea





ENTREVISTA:

## “A CRISE DE CRÉDITO JÁ ATINGIU A HORTIFRUTICULTURA, MAS PRODUTORES DEVEM ATRAVESSÁ-LA COM TRANQUILIDADE”

**Gustavo Henrique Marquim Firmo de Araújo**

Gustavo Henrique Marquim Firmo de Araújo é engenheiro agrônomo, mestre em Ciências Agrárias pela UnB com ênfase em solos e também especialista em gestão de agronegócios e fruticultura comercial pela mesma universidade. Atualmente ocupa o cargo de fiscal federal agropecuário da Secretaria de Política Agrícola (SPA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

**Hortifruti Brasil: O valor máximo de crédito ao produtor de frutas e hortaliças para custeio dificilmente atende às suas necessidades. O que poderia ser feito pelo governo para mudar esse quadro?**

**Gustavo Henrique Marquim Firmo de Araújo:** Esses setores trazem um desafio a mais para a formulação de políticas agrícolas. São formados por uma gama extremamente heterogênea de produtos e, também, de produtores, distribuídos em todos os estados da Federação. Portanto, optou-se por estabelecer um limite único para cada um desses setores (frutas e hortaliças). Essa é a tendência – agrupar as culturas, ao invés de desmembrá-las. O limite atual de crédito de custeio para a fruticultura é de R\$ 400 mil por beneficiário. Para hortaliças, o limite é de R\$ 130 mil. Esse limite poder ser até 30% maior se o tomador se encaixar em duas das quatro condições: 1ª) comprovar a existência de reservas legais e áreas de preservação permanente em sua propriedade; 2ª) utilizar o crédito para produção pelo sistema orgânico; 3ª) utilizar algum mecanismo de proteção de preço, como o seguro rural e 4ª) utilizar o Sistema Agropecuário de Produção Integrada (SAPI) – o PIF, no caso da fruticultura. O governo entende que esses valores são suficientes para atender à grande maioria dos produtores de frutas e hortaliças. Outra justificativa para esses limites está na escassez de recursos. Dessa forma, há uma maior democratização no acesso ao crédito.

**HF Brasil: Quanto ao crédito disponibilizado para frutas e hortaliças, quais seriam os motivos para a diferenciação entre esses dois setores?**

**Araújo:** Esses limites foram estabelecidos com base em estudos técnicos de custo de produção fornecidos por representantes desses setores e analisados pelos técnicos do governo, que entenderam serem suficientes para atender, como havia dito, à grande parcela dos produtores de frutas e hortaliças. Entretanto, o governo está

sempre disposto a reavaliar os critérios de concessão de crédito. Para isso, deve haver uma demanda forte do setor produtivo, que deve ser enviada à Secretaria de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (SPA/Mapa), acompanhada de estudo baseado em critérios técnicos. E esse é o momento ideal para isso, momento em que estamos trabalhando no próximo plano agrícola e pecuário.

**HF Brasil: O nosso estudo mostrou que a necessidade de caixa de um horticultor, pelo menos dos produtos analisados pela Hortifruti Brasil, é semelhante à de um produtor de frutas. Trabalhos como este podem subsidiar a alteração do limite?**

**Araújo:** Esse dado já é um bom começo. Mas precisamos saber qual é o perfil desses produtores e quais são esses produtos, quais são os que mais demandam crédito. Concordamos que há uma grande diferença entre um produtor de alface e um de batatas. Mas mesmo entre os bataticultores há uma grande dispersão. Como não houve, até o momento, nenhuma manifestação ou solicitação para aumentar o limite atual, o governo entende que ele é suficiente. O setor, preferencialmente por meio de suas representações, deve encaminhar uma demanda, a mais embasada possível, que será primeiramente avaliada pelo Ministério da Agricultura, juntamente com o Ministério da Fazenda. Posteriormente, uma proposta é encaminhada para aprovação pelo Conselho Monetário Nacional. Somente depois disso é que o Banco Central publicará uma resolução alterando as condições do crédito.

**HF Brasil: O que seria necessário para o setor de hortaliças receber maior atenção?**

**Araújo:** A olericultura e a fruticultura foram contempladas com a criação de Câmaras Setoriais no âmbito

do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Temos uma Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da fruticultura, outra específica para a citricultura, uma outra da vitivinicultura e ainda a das hortaliças. Nelas têm assentos representantes de diversos setores dessas cadeias produtivas, incluindo membros do governo. Quanto ao Plano Agrícola e Pecuário 2008/2009, as hortaliças estão contempladas tanto com crédito para investimento quanto para custeio e comercialização, além de fazerem parte do Programa de Subvenção ao

**É possível estudar uma proposta de equalização do limite de crédito de custeio das hortaliças (R\$ 130 mil) com as frutas (R\$ 400 mil), desde que haja uma solicitação de entidades do setor. E esse é o momento ideal para isso, momento em que estamos trabalhando no próximo plano agrícola e pecuário.**

Prêmio do Seguro Rural. Aliás, esse Programa foi uma grande conquista da fruticultura e da olericultura. O Programa de Modernização da Agricultura e Conservação de Recursos Naturais (Moderagro) autoriza a concessão de até R\$ 250 mil para investimentos em culturas frutíferas e olerícolas, dentre outras. Uma novidade no Moderagro é a possibilidade de financiamento de instalações e equipamentos para cultivo em ambiente protegido. No que se refere às ações de apoio à comercialização, o alho do Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste é amparado por EGF, com preço mínimo de R\$ 2,20 por quilo. Ainda, no último plano agrícola foi criado o programa de investimento chamado Produção Sustentável do Agronegócio (Produsa), destinado à implantação de sistemas orgânicos de produção agropecuária, inclusive serviços e insumos inerentes ao período de conversão e à fase de certificação, como inscrição, inspeção e manutenção, entre outros itens. É um mercado crescente para as hortaliças. Como você pode ver, existem ações voltadas para o setor das hortaliças, mas muitas vezes desconhecidas pelos produtores, o que requer uma divulgação mais direcionada a eles.

**HF Brasil: Quanto ao crédito para comercialização, pouco é feito para a hortifruticultura. O que dificulta esse apoio?**

**Araújo:** Já avançamos bastante com a Linha Especial de Crédito (LEC) para comercialização, que autoriza a concessão de crédito para carregamento dos estoques de maçã e pêssego. Alguns fatores dificultam a criação de mecanismos específicos de apoio à comercialização de frutas e hortaliças. São produtos, em geral, de alta perecibilidade, com pouca ou baixa agroindustrialização. Outro desafio que o governo enfrenta é a precariedade e a carência de dados sobre o mercado hortifrutícola aliado à sua heterogeneidade e à sua precária organização. O setor vitivinícola é uma exceção. Para esse setor, o governo tem lançado mão de um instrumento de comercialização chamado Prêmio de Escoamento de Produto (PEP), viabilizando o escoamento de parte dos estoques excedentes de vinho da região Sul para regiões onde há escassez do produto.

**HF Brasil: A Secretaria já recebeu alguma demanda dos citricultores paulistas sobre a LEC? O Sr. acha que a LEC poderia ser um instrumento viável como forma de regular o preço da caixa de laranja destinada à indústria?**

**Araújo:** Até o momento, a SPA não recebeu nenhuma demanda dos citricultores solicitando a aplicação de instrumento de comercialização. A LEC poderia ser utilizada, caso produtores e indústrias a demandassem. O fato é que a indústria de suco de laranja é muito concentrada e a sua relação com os citricultores está desgastada. A tentativa de regular o preço da caixa de laranja poderia, portanto, interferir negativamente nessa relação entre produtores e indústrias, e não ser efetiva na sustentação do preço. De qualquer maneira, caso haja interesse, estamos dispostos a sentar com os dois principais elos da cadeia para estudar a possibilidade e a viabilidade de atuar com algum mecanismo de política agrícola.

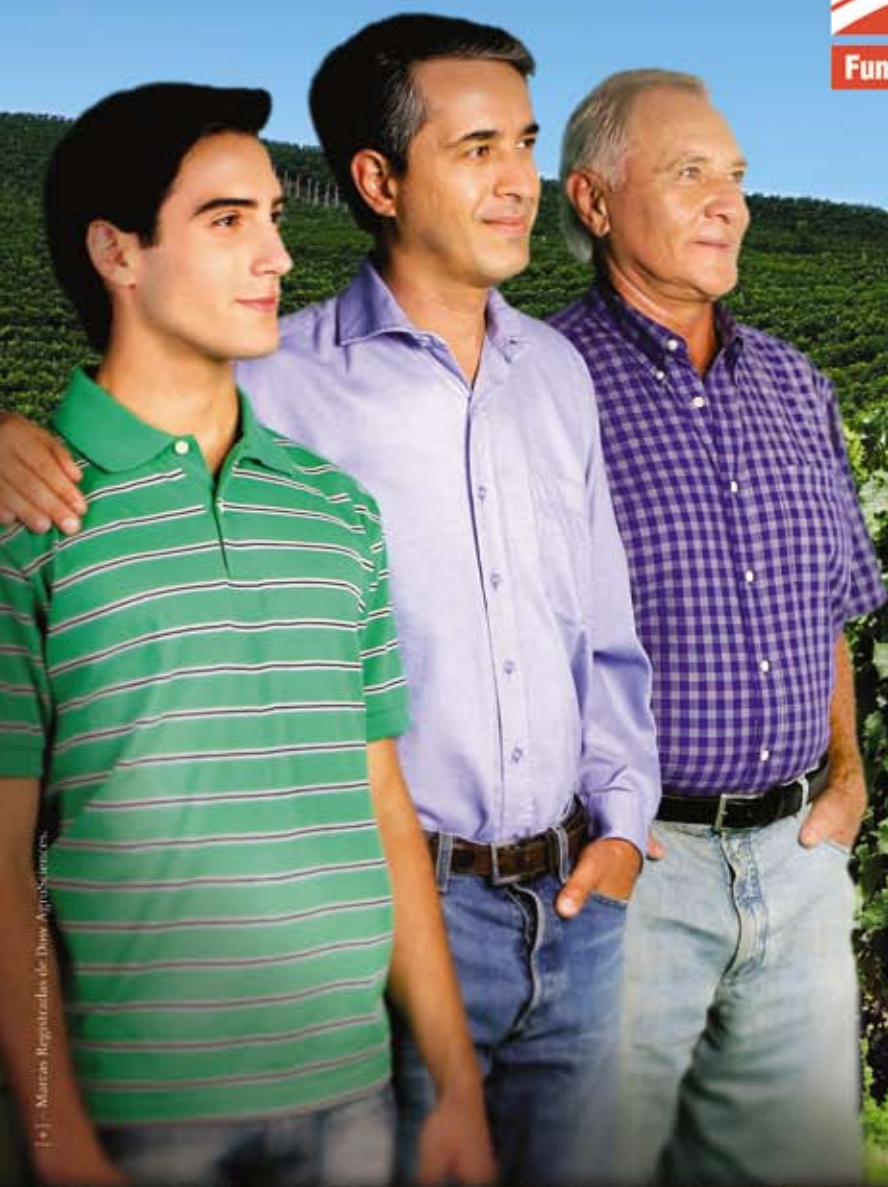
**HF Brasil: A crise de crédito mundial pode causar impactos no setor?**

**Araújo:** Certamente, a escassez de crédito já atingiu também a hortifruticultura, mas o mercado interno para frutas e hortaliças apresenta crescimento consistente e mantém-se aquecido, e o seu produtor é extremamente dinâmico. Ainda é cedo para prever quais serão os impactos da crise mundial nesse setor, mas creio que os hortifruticultores atravessarão essa fase com relativa tranquilidade. ■

Dow AgroSciences

**Dithane\***  
NT

Fungicida



# Três gerações e uma tradição!

O sucesso de Dithane NT faz parte da tradição da família! Usado por gerações na proteção de batata, tomate, uva e outras 32 culturas. É atual e inovador! Quando alguém ia pensar em aplicar Dithane NT antes da chuva? Hoje, isso já é possível! E o que mais será possível, já pensou? Nossos pesquisadores continuam pensando...

**ATENÇÃO** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



 Dow AgroSciences



# DuPont.

## Campeã incontestável do Dia de Campo da Cooperbatata 2008.

### DuPont<sup>™</sup> Linha Batata

Rumo<sup>®</sup> WG  
Lannate<sup>®</sup> BR  
Curzate<sup>®</sup> BR  
Midas BR<sup>®</sup>  
Equation<sup>®</sup>  
Manzate<sup>®</sup> 800  
Kocide<sup>®</sup> WDG  
Fungitol<sup>®</sup> Azul  
Fungitol<sup>®</sup> Verde

### DuPont<sup>™</sup> Linha Batata.

**Comprovado. Tecnologia e proteção com o melhor custo-benefício para o agricultor.**

Realizado em Vargem Grande do Sul (SP), o Dia de Campo da Cooperbatata 2008 veio consolidar a Linha Batata da DuPont como o programa de melhor custo-benefício para o agricultor. Uma linha

especializada em fungicidas e inseticidas com características e atributos que fazem a diferença no cultivo, na proteção, na qualidade e na produtividade da cultura da batata.

#### COMPARE OS EXCELENTES RESULTADOS DA DUPONT EM PRODUTIVIDADE E CUSTO

EMPRESA	PRODUTIVIDADE TOTAL Sc/ha	CUSTO DEFENSIVOS R\$/ha	RECEITA R\$/ha	LUCRO R\$/ha
<b>1ª DUPONT</b>	<b>814,7</b>	<b>R\$ 1.656,83</b>	<b>R\$ 20.408,39*</b>	<b>R\$ 18.751,56**</b>
2ª - Empresa A	770,5	R\$ 1.925,19	R\$ 19.996,70	R\$ 18.071,51
3ª - Empresa B	724,2	R\$ 1.929,99	R\$ 18.270,88	R\$ 16.340,89
4ª - Empresa C	709,9	R\$ 2.549,04	R\$ 18.717,88	R\$ 16.168,84
5ª - Empresa D	694,6	R\$ 2.128,98	R\$ 18.161,28	R\$ 16.032,29

\* Preço de venda da batata especial (saca) no dia da colheita = R\$ 28,00

\*\* Considerando apenas gastos com defensivos.

#### Fungicidas

**DuPont<sup>™</sup> Curzate<sup>®</sup> BR.**  
A vacina da sua lavoura.

**DuPont<sup>™</sup> Midas BR<sup>®</sup>.**  
O fungicida superprotetor.

**DuPont<sup>™</sup> Kocide<sup>®</sup> WDG.**  
A evolução do cobre.

**DuPont<sup>™</sup> Manzate<sup>®</sup> 800.**  
Prevenção e nutrição.

**DuPont<sup>™</sup> Equation<sup>®</sup>.**  
O fungicida multiação.

**DuPont<sup>™</sup> Sistema + Proteção.**  
Mais proteção para sua plantação.

#### Inseticidas

**DuPont<sup>™</sup> Rumo<sup>®</sup> WG.**  
Exclusivo modo de ação.

**DuPont<sup>™</sup> Lannate<sup>®</sup> BR.**  
Inseticida de choque com ação ovicida.

#### Benefícios:

- Alta eficácia na prevenção de doenças e pragas
- Modos de ação diferenciados e exclusivos, associados ao melhor desempenho
- Amplo espectro de controle
- Formulações modernas e seguras
- Produtos testados e aprovados por pesquisas e agricultores

© Copyright 2009, DuPont do Brasil S.A. - Todos os direitos reservados. DuPont<sup>™</sup>, Curzate<sup>®</sup> BR, Equation<sup>®</sup>, Fungitol<sup>®</sup> Azul, Fungitol<sup>®</sup> Verde, Kocide<sup>®</sup> WDG, Lannate<sup>®</sup> BR, Manzate<sup>®</sup> 800, Midas BR<sup>®</sup> e Rumo<sup>®</sup> WG são marcas registradas da DuPont.



**ATENÇÃO:** Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita ou faça-o a quem não souber ler. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **Consulte sempre um Engenheiro Agrônomo. Venda sob receituário agrônômico.**

Tele DuPont Agrícola  
0800-707-5517  
www.ag.dupont.com.br



Os milagres da ciência

## LANÇAMENTOS

### REVISTA HORTIFRUTI BRASIL: Novos Espaços Publicitários

Mídia com  
formatos  
criativos!



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

### SEÇÃO ELETRÔNICA: Comunidade Eletrônica

MAIOR COMUNIDADE  
**HORTIFRUTÍCOLA**  
DA INTERNET

[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade/](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade/)

Mídia segmentada & pesquisa de  
mercado pela internet

### CONSULTORIA & SERVIÇOS: Produtos Personalizados

Equipe econômica  
especializada  
na área de frutas  
e hortaliças.

Palestras, pesquisas  
e parcerias  
personalizadas



Solicite o nosso Plano de Mídia 2009!  
E-mail: [hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br)  
tel: (19) 3429 - 8808

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP  
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)  
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829  
E-mail: [hfbrasil@esalq.usp.br](mailto:hfbrasil@esalq.usp.br)  
[www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil](http://www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil)